

CARTILHA DA NATUREZA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Ditado pelo Espíritos
Casemiro Cunha

INDICE

CARTILHA DA NATUREZA

A Grande Fazenda	A Poda	O Pântano
A Água	A Pomba	O Pão
A Aranha	A Ponte	O Poço
A Boa Árvore	A Porteira	O Poste
A Boneca	A Praia	O Prato
A Bússola	A Refeição	O Regador
A Caçarola	A Semente	O Remédio
A Cachoeira	A Terra E O Lavrador	O Ribeiro
A Candeia	A Tempestade	O Silêncio
A Canga	A Usina	O Sol
A Cangalha	A Vidraça	O Tijolo
A Capa	A Visita	O Tronco E A Fonte
A Capina	O Açude	O Vau
A Carpintaria	O Aguilhão	O Vento
A Cerca	O Andaime	O Vôo
A Chuva	O Banho	Os Animais
A Construção	O Barricacho	Os Caminhos
A Cova	O Barro E O Oleiro	
A Derrubada	O Botão	
A Enchente	O Cajado	
A Enxada	O Campo E O Jardim	
A Erosão	O Carro	
A Faxina	O Cemitério	
A Fazenda	O Cipó	
A Ferramenta	O Cupim	
A Lã	O Despertador	
A Faca	O Dia	
A Flor	O Diamante	
A Lagarta	O Esterco	
A Lâmpada	O Faroleiro	
A Lavoura	O Fio	
A Lenha	O Grande Rio	
A Mesa	O Incêndio	
A Mina	O Lixo	
A Montanha	O Luar	
A Muda	O Malhadouro	
A Noite	O Mapa	
A Nuvem	O Mar	
A Pedra	O Mármore	
A Perola	O Milharal	
A Picareta	O Oásis	
A Plantação	O Orvalho	

A GRANDE FAZENDA

*"E ele repartiu por eles a fazenda."
JESUS-LUCAS, 15:12*

A natureza é a fazenda vasta que o Pai entregou a todas as criaturas. Cada pormenor do valioso patrimônio apresenta significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, o pó, o rio, revelam mensagens silenciosas e especiais.

É preciso, contudo, que o homem aprenda a recolher-se para escutar as grandes vozes que lhe falam ao coração.

A Natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais. Em seus círculos de serviço, coisa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa.

Eis a razão pela qual o trabalho de Casimiro Cunha se evidencia com singular importância. O coração vibrátil e a sensibilidade apurada conchegaram-se a Jesus, para trazer aos ouvidos dos companheiros encarnados algumas notas da universal sinfonia.

Esta cartilha amorosa relaciona, em rimas singelas, alguns cânticos da fazenda divina que o Pai nos confiou. Envolvendo expressões na luz infinita do Mestre, Casimiro dá notícias das coisas simples, cheias de ensino transcendental. No relatório musicado de sua alma sensível, o milharal, o pântano, a árvore, o ribeiro, o malhadouro, dizem alguma coisa de sua maravilhosa destinação, revelando sugestões de beleza sublime. É o ensino espontâneo dos elementos, o alvitre das paisagens que o hábito vulgarizou, mas se conservam repletas de lições sempre novas.

O trabalho valioso do poeta cristão dispensa comentários e considerações.

Entregando-o, pois, ao leitor amigo, não temos outro objetivo senão lembrar a fazenda preciosa que se encontra em nossas mãos.

A Natureza é o livro de páginas vivas e eternas.

Em abrindo a cartilha afetuosa de Casimiro, recordemos Aquele que veio a Terra, começando pela manjedoura; que recebeu pastores e animais como visita primeira; que foi anunciado por uma estrela brilhante; que ensinou sobre as águas, orou sobre os montes, escreveu na terra, transformou a água simples em vinho do júbilo familiar; que aceitou a cooperação de um burrico para receber homenagens do mundo; que meditou num horto, agonizou numa colina pedregosa, partiu em busca do Pai através dos braços de um lenho ríspido e ressuscitou num jardim.

Relembremos semelhantes ensinamentos e recebamos a fazenda do Senhor, não como o filho pródigo que lhe desbaratou os bens, mas como filhos previdentes que procuram aprender sempre, enriquecendo-se de tesouros imortais.

Pedro Leopoldo, 20 de Maio de 1943.

A ÁGUA

Água santa, benção pura
Das bênçãos celestiais,
Que o Senhor te multiplique
Os doces mananciais.

Água que lavas o corpo
De todas as criaturas,
És a fonte de bondade
Que dimana das alturas.

Sangue vivo do planeta,
Na forma que aperfeiçoa,
Nos campos do mundo inteiro
Toda a terra te abençoa.

O teu impulso amoroso
É vida, perfume, essência,
És em todos os recantos,
Mãe das forças da existência.

Por ti, há pomares fartos,
Doçuras no lar que abriga,
Ventos frescos no deserto,
Orvalho na noite amiga.

Água tranqüila e bondosa
Que acaricia o sedento,
Lavas manchas, lavas sombras,
Desde o solo ao firmamento.

Aclaras a imensidade,
Na borrasca, no escarcéu,
Circulas em toda a terra,
Depois de voltar ao céu.

Água santa, irmã da paz,
Da abundância, da limpeza,
Garantes o dom da vida
Nas luzes da Natureza.

Doce bem da Divindade
Que envolve os lares e os ninhos,
És a terna mensageira
Do amor de Deus nos caminhos.

Em todo o lugar do mundo,
Haja paz, haja discórdia,
És a benção paternal
Da Eterna Misericórdia.

A ARANHA

Geralmente, em toda parte,

Casimiro Cunha

No ângulo mais sombrio
Dos recantos desprezados,
Vem a aranha e tece o fio.

Escura, silenciosa,
Atendendo ao próprio instinto,
Seja dia, seja noite,
Vai fazendo o labirinto.

Por manter o enorme enredo,
Insiste e nunca esmorece,
Condenar-se por si mesma
É seu único interesse.

Desdobrando movimentos
Nos impulsos insensatos,
Pratica perseguições,
Multiplica assassinatos.

Insetos despreocupados,
Na ilusão cariciosa,
Transformam-se em prisioneiros
Da pequena criminosa.

Satisfeita, a aranha escura.
Prosegue na horrenda lida,
Nos venenos que segrega
Traz a morte e suga a vida.

Mas um dia, o espanador,
Na luta material,
Vem e arranca essa infeliz
Das teias de horror do mal.

A aranha, porém, não cede,
Com teimosia e com arte,
Foge ao bem que se lhe fez,
E vai tecer noutra parte.

Quem medita na conduta
Dessa aranha renitente,
Encontra a cópia fiel
Da vida de muita gente.

A muitos presos do engano,
Deus envia a dor e as provas;
Mas, depois de liberdade,
Vão prender-se em redes novas.

A BOA ÁRVORE

Casimiro Cunha

Nos quadros vivos da Terra,
Desde a sua formação,
A árvore generosa
É imagem da Criação.

É a vida em Deus que nos ama,
Que nos protege e nos cria,
Que fez a bênção da noite,
E a bênção da luz do dia.

Seus ramos são como a infância,
As flores, a adolescência,
Seu fruto, a velhice amiga
Repleta de experiência.

Seu trono transforma sempre
Toda a lama da raiz,
No pomo caricioso,
Alegre, doce e feliz.

As sementes que renascem,
Com método e perfeição,
São nossas almas na lei
De vida e reencarnação.

Silenciosa na estrada,
Seu exemplo nos ensina
A refletir sobre a Terra
Na Providência Divina.

Se a poda foi rude e forte
Ao rigor do braço humano,
Sua resposta mais bela
É mais frutos no outro ano.

Se tomba desamparada
Ao pulso do lenhador,
Faz-lhe a casa, dá-lhe a mesa,
Aquece-o com mais amor.

Dá sombra a todos que passam,
Sem jamais saber a quem,
Colocada no caminho,
Seu programa é sempre o bem.

*

É santa irmã de Jesus
Essa árvore estremecida:
Se vive, palpita em Deus,
Se morre, transmite a vida.

A BONECA

Quase em todos os lugares,

Casimiro Cunha

Vencendo tempo e distância,
A boneca sempre atrai
A grande atenção da infância.

Em torno dela palpitam
Mil castelos pequeninos;
É a doce futilidade
Do coração dos meninos.

Nesses campos infantis
Há luta, rixa, esperança. . .
É tão frívola a boneca!
Mas faz feliz a criança.

Sabem disso os pais bondosos
E, notando a experiência,
Atendem aos pequeninos
Sem recursos à violência.

Não dilatam fantasias,
Não mentem por enganar,
Mas se valem da boneca
No intuito de ensinar.

Cada coisa, cada gesto,
Da mais ínfima expressão,
São vistos e aproveitados
Na esfera da educação.

A boneca inanimada
Constitui sempre o motivo,
De lições maravilhosas,
De trabalho evolutivo.

Há no mundo muitos homens,
Sem propósitos do mal,
Que guardam muitas bonecas
Da infância espiritual.

Junto deles, não condenes,
Não tenhas reprovação,
Não te faças de menino,
Jamais lhes negues a mão.

A BÚSSOLA

Casemiro Cunha

Na viagem rude e longa
Em região solitária,
A todos os viajores
A bússola é necessária.

Quando a jornada é difícil,
Aquele que a tem, de perto,
Vai seguindo confortado
Na bênção do rumo certo.

Sofrem ventos formidandos
E a sombra promete a morte,
A bússola honesta e firme
Não perde a visão do Norte.

Muita vez, em mar revolto,
Nas zonas desconhecidas,
Atende, silenciosa,
Dando fé, salvando vidas.

Tudo angústia da borrasca
E trevas de nevoeiro,
Mas a bússola responde
Aos olhos do timoneiro.

De outras vezes, no deserto,
Se palpita a inquietação,
Traduz generosamente
O conforto e a direção.

Em meio a vacilações,
Significa o resumo
De grandes consolações
A quem ame o próprio rumo.

Tanto em água revoltada,
Como em areia, em espinho,
A bússola generosa
Jamais esconde o caminho.

Nas rudes experiências
Da romagem terrenal,
Não se pode prescindir
Do rumo espiritual.

*

Se caminhas neste mundo,
Sejas moço, sejas velho,
Não esqueças, meu amigo,
A bússola do Evangelho.

A CAÇAROLA

Casimiro Cunha

Dos serviços da cozinha

Onde há sempre grande escola,
Lembremos o ensinamento
Da obscura caçarola.

Ao receber substância
Indispensável à mesa,
Requisita vigilância
No que concerne à limpeza.

Utilizada em serviço,
Embora pobre e singela,
Pede todos os desvelos
Das mãos que se servem dela.

Por limpá-la, muitas vezes
É justa a grande atenção;
Largos banhos d'água pura,
Doses fortes de sabão.

Se não bastam tais processos,
Um esforço mais ativo:
Recursos d'água fervente
Misturada a corrosivo.

De outra forma é descuidar
Da pureza do alimento,
Entregar o pão do corpo
Ao lixo e ao relaxamento.

A erva mais saborosa,
O leite nevado puro,
Na panela descuidada
São coisas para o monturo.

Caçarola maltratada,
Sem o concurso do asseio,
Faz o pão envenenado,
Escuro, amargoso e feio.

Vendo o quadro, não te esqueças
Que os nobres ensinamentos
São substâncias que nutrem
A fonte dos pensamentos.

Receber lições divinas
Sem limpar o coração,
É transformar dons de vida
Em sombras de confusão.

A CACHOEIRA

Casemiro de Abreu

Quando passes meditando
No cimo da ribanceira,
Repara na majestade
Que esplende na cachoeira.

É bom pensar na grandeza
Que a sua potencia encerra;
Na entrosagem dos elementos
Das forças de toda a Terra.

No lugar mais solitário,
É cântico de alegria,
Derramando em derredor
A abundancia de energia.

Para dar-se em benefícios,
A sua maior ciência
Não quer admiração,
Pede esforço e inteligência.

Mesmo longe das cidades,
Depois de compreendida,
A cachoeira renova
A expressão dos bens da vida.

Retamente aproveitada,
É fonte de evolução,
Movendo milhões de braços
Nas lutas do ganha-pão.

É mãe generosa e augusta
das fábricas de trabalho,
Que distribui, no caminho,
A luz, o pão, o agasalho.

E aprendemos na lição,
Quando a vemos, face a face,
Que a água buscou um abismo
Por onde se despenhasse.

Nesse símbolo profundo,
De grandeza e dinamismo,
Vemos nós o amor de Deus
E a extensão do nosso abismo.

Nós somos o sorvedouro
De misérias e discórdia;
Deus é a eterna cachoeira
De luz e misericórdia.

A CANDEIA

Casimiro Cunha

A sombra desce de manso,
O silêncio volve aos ninhos,
É a noite cariciosa
Que se estende nos caminhos.

Na casa pequena e simples
Que é refúgio da pobreza,
É mais densa a escuridão
Que amortalha a Natureza

Mas no quadro desolado
Perpassa a bênção do amor,
A candeia humilde e rude
Clareia do velador.

Na sala desguarnecida
Da morada carinhosa,
Sua luz mostra a beleza
De uma estrela generosa.

Aproveita-se-lhe o encanto
Na esfera da utilidade,
Mas quase ninguém lhe vê
O espírito de humildade.

Seu processo de ajudar
Nas sombras da noite escura,
Revela lição sublime
Ao plano da criatura.

Por servir de fonte calma
Ao clarão bondoso e amigo,
Ela queima a provisão
De tudo que tem consigo.

Consome o óleo, a torcida,
Perde o brilho, perde a graça,
Suporta o calor do fogo,
Sofre o assédio da fumaça.

E Guarda, com Deus, a glória
De haver produzido o bem,
Sem ferir qualquer pessoa,
Sem prejuízo a ninguém.

Quem deseje iluminar,
Proceda como a candeia:
A si mesmo se ilumine
Sem reclamar luz alheia.

A CANGA

Casimiro Cunha

Pleno campo, céu de anil,

Que o sol dourado ilumina,
A primavera traz flores
De fragrância peregrina.

Em tudo palpita o belo
Na sublime transcendência,
Das dádivas generosas
Na Divina Providência.

Os bons, porém, desconhecem
Se há mistérios da beleza
E gastam no atrito longo
As forças da Natureza.

Acende-se a luta enorme,
Chifradas, golpes violentos,
Ruído ensurdecedor,
Pêlos rotos, pés sangrentos.

Há flores espatifadas
Nos caminhos da abundância,
É cegueira, dor e morte
Em males da ignorância.

Mas, um dia, o lavrador,
Notando a exigência ativa,
Vendo a zona perturbada,
Traz a canga educativa.

Os brigões acham de novo
A paz, a harmonia, o bem.
O sofrimento em conjunto
É o campo que lhes convém.

Toleram-se mutuamente
Sem rixas nem desatinos,
E aprendem a trabalhar
Sem desprezo aos dons divinos.

Muitas vezes também, no mundo,
Parentesco e obrigação,
São recursos necessários
Às luzes da educação.

*

Amigo, se estás na canga
De lutas indefinidas,
Não fujas, atende a Deus,
Cura os males de outras vidas.

A CANGALHA

Casemiro Cunha

Nos círculos de serviço,

Toda a gente que trabalha
Nem sempre sabe entender
A nobreza da cangalha.

Não fosse ela, entretanto,
Que atende, promete e faz,
E talvez o campo inteiro
Viveria estranho à paz.

Convenhamos na prudência
Que vem do rifão de antanho –
Basta, às vezes, uma ovelha
Para perder o rebanho.

O luar deseducado,
Que a força brutal anime,
Nunca perde ensejo ao coice
E está sempre pronto ao crime.

Viveu ao léu, ameaçando
A golpes de grosseria;
Aparentando brandura,
Transborda selvageria.

Transforma-se, comumente,
No animal rude e vilão,
Que se esquiva do trabalho,
Por preguiçoso e ladrão.

Todavia, chega o instante
Em que a cangalha, bondosa,
Comparece orientando,
Honestas, laboriosa.

Ligada por laço forte
Ao amigo da indolência,
Dá-lhe os bens da utilidade
Em luzes de experiência.

Perguntemos a nós mesmos,
Notando-a, modesta e bela,
Quais os homens deste mundo
Que podem viver sem ela.

*

O dever, como a cangalha,
Que tanta grandeza encerra,
É a balança de equilíbrio
Nas vidas de toda a Terra.

A CAPA

Enquanto vibra o calor
Do verão, em luz florida,
A capa confortadora

Casimiro Cunha

Permanece recolhida.

Em tudo há sol claro e quente,
Após a bênção do orvalho. . .
Oculta-se a capa amiga
Nas reservas de agasalhos.

Entretanto, chega um dia,
Que surge na imensidão,
Envolto de sombras frias
E sopros de tempestade.

Rajadas dilacerantes
Invadem a atmosfera,
Não mais a carícia doce
Das tardes de primavera.

De outras vezes, muito embora
Cesse a grande ventania,
Continua o inverno forte,
Torturando noite e dia.

Ar gelado, névoas densas
Ao longo de toda a estrada,
Se a neve não cai do céu,
A terra sofre a geada.

É quando a capa bondosa
Aparece no caminho,
Como a terna mensageira
Do consolo e do carinho.

Requestada em toda parte,
No tempo frio e brumoso,
Trabalha, conforta e ajuda,
Sem as pausas do repouso.

Assim, no inverno das dores
Que trazem desolação,
A crença é a capa celeste
Que agasalha o coração.

Mas no mundo há muito crente,
Que quando padece e chora,
Desatende a Providência
E atira com a capa fora.

A CAPINA

Casimiro Cunha

Nos serviços de defesa
Da semente que germina,
Não se pode descuidar

Dos trabalhos da capina.

Em torno à planta que nasce
No escuro lençol do chão,
Surgem ervas venenosas
Formando comprida esteira
Tentando a sufocação

Crescem fortes, espontâneas,
Nocivas e desiguais,
Formando comprida esteira
De grosseiras ervaçais.

Alastram-se em toda parte...
São verduras traiçoeiras
E, se vivem conformadas,
Dominam a roça inteira.

Que o lavrador cuidadoso
Jamais se esquive à atenção,
Trazendo-lhe, decidido,
A justa eliminação.

Ainda que mostrem flores
Entre os ramos de alegria,
Que todas sejam tratadas
A lâmina da energia.

Enquanto o grão não se forme
Para a colheita madura,
Capine a enxada ao redor,
Tão atenta, quão segura.

De outro modo, o mato inútil,
Vadio, cruel, sem nome,
Rouba grelos promissores,
Deixando ruína e fome

Cartilha Da Natureza

Assim no mundo, igualmente,
Quem deseje o nobre dom,
Destrua dentro de si mesmo
Todo impulso menos bom.

Cultiva diariamente
A vida elevada e sã:
Não te esqueças da capina
Se queres fruto amanhã

A CARPINTARIA

Casimiro Cunha

Nem todos identificam,
No curso de todo o dia,

A lição maravilhosa
Que vem da carpintaria

Madeira escura e selvagem,
Do seio da natureza,
Vem de longe por buscar
A forma e a delicadeza.

Ao rumor do maquinismo
Que se agrupa na oficina,
O artífice representa
A Inteligência Divina

A serra corta vibrando,
A enxó elimina a aresta,
O torno canta a harmonia,
Tudo em júbilos de festa.

O esforço de seleção
Efetua-se a capricho;
Sujidades, excrescências,
São matérias para o lixo.

A simples madeira bruta,
Na grande transformação
Brilha agora na obra prima
De serviço e perfeição.

Todavia, para isto,
As peças e os elementos
Submeteram-se humildes
À pressão dos instrumentos.

Assim também a alma humana,
Na oficina da existência
Precisa submeter-se
Às plainas da experiência.

Recordemos, sobretudo,
Com humildade e com fé,
O Divino Carpinteiro
Que passou por Nazaré.

*

Busquemo-Lo nos caminhos,
E atende, meu caro irmão:
Se queres a Luz da Vida
Entrega-lhe o coração.

A CERCA

Casemiro de Abreu

Contempla a cerca da estrada,
Que te serve sem jactância.

A sua atitude humilde
É um ato de vigilância.

Seja feita de cimento
Ou de estacadas singelas,
Ela esclarece que a vida
Precisa de sentinelas.

Sua lição excelente
Não cessa de proclamar:
Cada terreno a seu dono,
Cada coisa em seu lugar.

É cuidadosa, é sincera,
Dá combate à confusão,
Fornece norma aos serviços,
Faz contas de divisão.

E, desse modo trabalha,
Tecendo a paz do teu ninho.
É a cerca que te garante
Tanto o lar, como o caminho.

Repara que a tua vida
É um mundo de ocupações:
Ai de ti se desordenas
As tuas obrigações.

Através da luta enorme
Das dores e do destino,
tua alma tem de passar
Em busca do bem divino.

Certamente encontrarás
Calúnias e tentações,
Brutalidades, malícias,
Serpentes, feras, ladrões.

Recorda a lição da cerca:
A cada coisa o seu custo.
E abre a porteira amiga,
A tudo que seja justo.

*

Sem isso, não é possível
O bem de qualquer missão.
Sem clareza na tarefa,
Tudo é sombra e confusão.

A CHUVA

Casimiro Cunha

Folhas secas. Terra ardente.

Calores. Desolação.
Mas a chuva vem do céu
Trazendo consolação.

Toda semente que é boa,
Entre júbilos germina,
É a bela fecundação
Da natureza divina.

As árvores ganham forças,
Alimpa-se a atmosfera,
A verdura em toda parte
Tem cantos da primavera.

Às cidades, como aos campos,
Aos ninhos, à sementeira,
O pombo níveo da paz
Traz o ramo da oliveira.

Sopra o vento brando e amigo,
Em vagas cariciosas,
Levando a mensagem doce
Que nasce do odor das rosas.

A chuva que cai do alto
É benção que se derrama...
Na flor é orvalho celeste,
No pó do chão faz a lama.

Assim, também, os ensinamentos,
Que nos dão verdade e luz,
São a chuva generosa
Da inspiração de Jesus.

Cai sobre todos. No amor
É raio de perfeição,
Mas no pó da ignorância
É falsa compreensão.

Deus, porém, que é Pai Bondoso
Entre as leis universais,
Faz com que a lama produza
Sementes, flores, trigais.

*

Eis a razão pela qual
Nossa indigência produz:
Inda mesmo em nossas sombras,
O evangelho é sempre luz.

A CONSTRUÇÃO

Casemiro Cunha

O homem sensato e nobre,
Quando faz a moradia,
Toma alvitres à prudência,
Conselho à sabedoria.

Primeiramente examina
O local, a posição,
E edifica os alicerces
Devidos à construção.

Não se cansa de escutar
As vozes da sensatez,
Que sugerem vigilância
E induzem à solidez.

Muito antes da parede,
Da janela, do portal,
Reflete fazendo contas
E escolhe o material.

Raciocina por si mesmo,
Não perde ponderações,
E estuda todo problema
Das suas aquisições.

Não se atira a preço baixo,
De matéria condenada;
A sucata não lhe serve,
Nem madeira carunchada.

Acima de toda idéia.
Vibra a idéia de seu lar,
Seleciona a caráter
Cada coisa em seu lugar.

Impõe-se nos seus desejos,
Serenos, prudente, ativo;
O senso da qualidade
Garante-lhe o objetivo.

Esse homem previdente
Dá lições a cada qual,
Na construção do edifício
Da vida espiritual.

*

Escolhe teus pensamentos
No dever que te governa.
Idéias, palavras, atos,
Constroem-te a casa eterna.

Raro é aquele que medita
Contemplando a terra impura,
No trabalho peregrino
Da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida
Sobre a leira dadivosa,
Indício de golpes fundos
Da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples,
Singela, desconhecida,
É o altar da Natureza,
Celebrando a luz da vida.

É seio aberto à beleza,
Ao bem que se perpetua,
A existência renovada
Que se eleva e continua.

É o sepulcro onde a semente,
Em sombra e separação,
Vai, morrendo, reviver
Nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora
Nessa doce intimidade,
Renovando-se aos impulsos
De força e imortalidade.

Depois do apodrecimento,
Germinação e esplendores,
Verdes galhos de esperança,
Tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita
Na fartura indefinida...
Tudo, a obra generosa
Da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo
Vem lembrar, à criatura,
O campo do cemitério
E o quadro da sepultura.

*

Inda aí, a cova amiga
É sempre o sublime umbral,
Porta aberta ao crescimento
No plano espiritual.

COVA

Casimiro Cunha

Raro é aquele que medita
Contemplando a terra impura,
No trabalho peregrino
Da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida
Sobre a leira dadivosa,
Indício de golpes fundos
Da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples,
Singela, desconhecida,
É o altar da Natureza,
Celebrando a luz da vida.

É seio aberto à beleza,
Ao bem que se perpetua,
A existência renovada
Que se eleva e continua.

É o sepulcro onde a semente,
Em sombra e separação,
Vai, morrendo, reviver
Nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora
Nessa doce intimidade,
Renovando-se aos impulsos
De força e imortalidade.

Depois do apodrecimento,
Germinação e esplendores,
Verdes galhos de esperança,
Tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita
Na fartura indefinida...
Tudo, a obra generosa
Da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo
Vem lembrar, à criatura,
O campo do cemitério
E o quadro da sepultura.

*

Inda aí, a cova amiga
É sempre o sublime umbral,
Porta aberta ao crescimento
No plano espiritual.

A DERRUBADA

Casemiro Cunha

Rangem troncos seculares
Aos golpes do lenhador.
É o machado formidando
No impulso renovador.

Toda a floresta se agita
Em terríveis convulsões,
Continua a derrubada
Que precede as plantações.

Sol quente. Suor. Serviço.
E as árvores vigorosas
Estraçalham com fragor
As frondes cariciosas.

Após o trabalho ingente,
A invasão do fogaréu;
Fumo espesso devorando
A doce amplidão do céu.

Gritam aves assustadas,
Sem ninho, sem paz, sem guia,
Animais inferiores
Vão fugindo em correria.

A seguir vem a coivara
Completando a grande prova,
É o termo da derrubada
A favor da vida nova.

Somente aí são possíveis,
Pasto verde e espiga loura,
Pomares e sementeiras,
Celeiro, casa e lavoura.

Já observastes que o homem,
Ao longo de toda a estrada,
Precisa também, por vezes,
Das foices da derrubada?

É a dor proveitosa e rude,
Surgindo em golpes violentos,
A força que retifica
A mata dos sentimentos.

*

Sem trabalho não teremos,
No caminho universal,
Nem casa com Jesus-Cristo
Nem pão espiritual.

A ENCHENTE

Casimiro Cunha

O quadro é lindo e imponente
Na calma da natureza,
A massa d'água é mais bela,
Mais suave a correnteza.

O rio enorme extravasa,
Conquistando as cercanias,
Encaminha-se às baixadas,
Desce às furnas mais sombrias.

A torrente dilatada
Estende a dominação,
Refresca e fecunda o solo
Nas zonas de plantação.

Mas, em haurir-lhe a grandeza,
Os bens, a virtude, a essência,
Precisa-se em toda parte
Muita luta e providência.

Aterros, diques, cuidados,
Trabalhos e sacrifícios,
Todo esforço é necessário
Por colher-lhes os benefícios.

Sem isso reduz-se a enchente
Às grandes devastações,
Ameaças, lodo e vermes,
Mosquitos, flagelações.

A abundância generosa
Foi vista e considerada;
Entretanto, a imprevidência
Guarda a lama envenenada.

Reconhecendo a beleza
Deste símbolo profundo,
Podemos ver no seu quadro
Muita gente deste mundo.

O poder, a autoridade,
A fortuna, a inteligência,
São enchentes dadivosas
Da Divina Providência.

*

Mas, se o homem não vigia,
É várzea que inspira dó.
A abundância não lhe deixa
Mais que lodo, lixo e pó.

A ENXADA

Casemiro Cunha

No conjunto dos trabalhos,
A enxada pobre e esquecida
É uma agulha generosa
Que borda o lençol da vida.

Com desvelos carinhosos,
Faz o berço às sementeiras,
Protege os rebentos frágeis,
Traçando caminho às leiras.

Essa agulha delicada,
Vibrando de pólo a pólo,
Aperfeiçoa a paisagem,
Lançando mais vida ao solo.

Obediente e bondosa,
Coopera com o lavrador,
E onde passa costurando,
Eis que o chão transborda em flor.

Devem-lhe muito os celeiros
Na colheita farta, imensa,
Mas a enxada dadivosa
Nunca pede recompensa.

Sem prazer está nas lutas,
Nos trabalhos naturais;
Alguém lucra em seus esforços?
Mais serviço e terás mais.

Não sabe se há chuvas fortes,
Se há calor de requeimar,
Disposta sempre ao possível,
Tem gosto de trabalhar.

Modesta, criteriosa,
Atende ao labor que a chama,
Fiel ao bom lavrador,
Executa o seu programa.

Instrumento valoroso,
Que não trai nem esmorece,
Exemplifica no mundo
A humildade que obedece.

*

Imagina a tua glória,
Teu triunfo jamais visto,
Quando fores boa enxada
Nas divinas mãos do Cristo.

A EROSÃO

Casemiro de Abreu

Quem busca na paz do campo
Os bens da contemplação,
Costuma encontrar, por vezes,
As surpresas da erosão.

Dos cumes da paisagem,
Eis que a visão descortina
Horizontes luminosos
Na vastidão peregrina!

Em torno rebentam flores
Nas folhagens perfumosas,
Entre as árvores e os ninhos
Sopram brisas buliçosas.

Misturando-se , à verdura,
Há caminhos de enxurrada,
Formando abismos escuros
Na terra dilacerada.

Em derredor, tudo é glória
Do campo verde e florido;
Céu de anil, promessa e luz,
Mas o solo está ferido.

Somente à custa de esforço,
De luta excessiva e estranha,
É possível reparar
As úlceras da montanha.

É um quadro que faz lembrar
As almas de grande altura,
Que, embora a ciência e o brilho,
Tem abismos de amargura.

São montes iluminados
De sonho e conhecimento,
Mas, degradados por vezes,
Nos planos do pensamento.

Recebem, da luz de Deus,
Dons sublimes e infinitos,
Mas se deixam avassalar
De enxurradas e detritos.

*

Quem guarde na intimidade
Tais feridas de erosão,
É que vive sem defesa
Nos campos do coração.

A FAXINA

Casemiro Cunha

De manhã, em toda casa,
Ar puro, janela aberta,
A higiene determina
O movimento de alerta.

E' o asseio proveitoso
Que começa com presteza,

Expulsando o pó de ontem
Nos serviços da limpeza.

A vassoura range, range,
No polimento ao soalho,
Sem desprezar coisa alguma
Na expressão do seu trabalho.

Vêm escovas cuidadosas
Ao lado de espanadores
E renova-se a paisagem
Dos quadros interiores.

A água cariciosa
Que se mistura ao sabão,
Carreia o lixo, a excrescência,
Enche baldes, lava o chão.

Os livros desafogados
Mostram ordem nas fileiras,
Convidando ao pensamento
Do cinco das prateleiras.

Os móveis descansam calmos,
De novo brilho o verniz.
Toda a casa fica leve,
Mais confortada e feliz.

A limpeza efetuada
E' novo impulso à energia,
Multiplicando as estradas
De esforço e sabedoria.

A faxina, qual se chama,
Na linguagem da caserna,
Tem seu símbolo profundo
Nos campos de vida eterna.

*

Muita gente sofre e chora,
Na dor e na inquietação,
Por nunca fazer faxina
Nas salas do coração.

A FAZENDA

Casemiro Cunha

O dia vem longe ainda,
Fulgura o brilho estelar...
Mas nos campos da fazenda
É hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços
Da luta risonha e sã,
Na divina voz das aves
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos
Nos roçados, no paiol,
Tudo expressa movimento
Precedendo a luz do sol.

Ali, corta-se, acolá
Dispõe-se de novo a leira,
Aqui, combate-se os vermes
Que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.
Há cantares da moenda,
Contando a história do açúcar
Nos caminhos da fazenda.

Entretanto, se o programa
É repouso, calma e sono,
Em breve, a propriedade
Vive em trevas do abandono.

Serpentes invadem campos,
Há cipó destruidor,
O mato chega às janelas,
Procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa
Esquecida e enferrujada,
A casa desprotegida
Prossegue em derrocada.

Quem não vê na experiência
Tão simples, tão conhecida,
A zona particular
Nos quadros da própria vida?

*

Rico ou pobre, fraco ou forte,
Não te entregues à inação,
Que a vida é a fazenda augusta
Guardada na tua mão.

A FERRAMENTA

Casemiro Cunha

O êxito no trabalho,
Com que o homem se apresenta,
Depende da vigilância
Que se deve à ferramenta.

A enxada laboriosa,
Que coopera e não se cansa,
Pede zelo no serviço,
Para agir com segurança.

A agulha por ministrar
Benefícios e atenções,
Não dispensa tratamentos,
Desvelos e condições.

Nos trabalhos do tecido,
Em tudo que atinja o assunto,
O tear pede harmonia
Nas peças do seu conjunto.

A própria cozinha humilde,
No que diz respeito a ela,
Reclama copo asseado
E limpeza na panela.

No círculo das tarefas,
Da mais simples à maior,
Descuidada a ferramenta,
Tudo vai pelo pior.

Sem isto, qualquer serviço
Inclina-se à negação
E tende com rapidez
Às sombras da confusão.

Instrumento corrompido
Marca início de insucesso.
Sem lutas de vigilância,
Não há bênçãos de progresso.

O problema do utensílio,
É tão belo quão profundo...
Lembra sempre que teu corpo
Atende essa lei no mundo.

*

Viveres de corpo ao léu,
Estranho aos cuidados teus,
É injúria feita ao trabalho,
Menosprezo aos dons de Deus.

A LÃ

Em todas as latitudes

Casimiro Cunha

Da terra que aperfeiçoa,
É sempre meiga e benvinda
A lã carinhosa e boa.

Conserva a saúde e a vida,
Nos invernos, nos trabalhos,
É mãe delicada e nobre
Dos mais puros agasalhos.

Faz frio? Desceu a noite
Em borrascas escarninhas?
A lã protetora e santa
Vai vestir as criancinhas.

Há velhice amargurada
Movendo-se quase morta?
A divina benfeitora
Vem de leve e reconforta.

Enfermos entristecidos
Atados a grandes dores?
Recolhe-os bondosamente
Em ninhos de cobertores.

Presta aos homens neste mundo
Auxílio amoroso e forte,
Desde o berço da chegada,
Ao leito de dor na morte.

Heroína afetuosa
De serviço e de bondade,
Preserva no mundo inteiro
O corpo da Humanidade.

Quem a veste, conservando-a,
Encontra incessantemente
A couraça que resiste
Ao frio mais inclemente.

Lembremos, vendo-a servir
Sem recompensa e sem palmas,
O Cordeiro que dá lã
Necessária a nossas almas.

Não te doa nos caminhos
O inverno de angústia e pranto:
Vistamos os sentimentos
Em lã do Cordeiro Santo.

A FACA

Casemiro de Abreu

A faca, inegavelmente,
Embora não acerada,
Oferece algum perigo
À pessoa descuidada.

Entretanto, muitas vezes,
No serviço rude e forte,
Não se pode prescindir
Do concurso do seu corte,

Pleno campo. Plantações.
Verdura a perder de vista.
A faca auxilia sempre
No trabalho ruralista.

Nas fábricas operosas,
Onde a prudência a conserva,
Está pronta e decidida
No serviço ou na reserva.

No esforço de cooperar,
Permanece dia inteiro
Atendendo eficazmente
Ao lado do sapateiro.

Contribui nas selarias,
Onde o trabalho é uma escola,
Obedecendo ao seleiro,
Dando o bem, cortando a sola.

Em casa, está sempre firme,
Excelente companheira,
Respondendo a muito caso
Que concerne à cozinheira.

Depois de formar, atenta,
No preparo à refeição,
Segue, humilde, para a mesa
E ajuda a partir o pão.

Mas a faca que é tão útil,
Tão valorosa e singela,
É muito desagradável
No pulmão ou na costela.

*

Forçoso é reconhecer
Que a faca vive a ensinar
Que cada coisa no mundo
Tem seu tempo e seu lugar.

A FLOR

Casemiro de Abreu

Olhai os lírios do campo
Vestidos de aroma e luz!...
Este apelo vem do ensino
Do Evangelho de Jesus.

O Mestre ensinou que a flor,
Sem qualquer preocupação,
É mais rica e mais formosa
Que a pompa de Salomão.

Diversos homens sem Cristo,
De mente pobre e enfermiga,
Supuseram nesse apelo
A exaltação da preguiça.

A lição, porém é outra:
A força de sua essência
Louva em tudo, antes de tudo,
O trabalho e a obediência.

Bem poucos homens reparam
Que na selva, ou no jardim,
Toda flor revela e guarda
Harmonia até o fim.

Sua doce formosura
É bem que nunca se esvai,
Enfeitando os aposentos
da Casa de Nosso Pai.

Se alguém a separa da haste,
Quando nada mais lhe resta,
completa com a sua dor,
Os júbilos de uma festa.

No lamaçal, nas estufas,
Na miséria ou na opulência,
A alegria harmoniosa
É a vida de sua essência.

A flor pequenina e frágil,
Que nasce e perfuma à-toa,
Revela que em toda a parte
A vida é formosa e boa.

*

O que é preciso é guardar,
Na aspereza mais sombria,
A fé no Pai de Bondade
Ao ritmo da alegria.

A LAGARTA

Casimiro Cunha

A árvore é grande e bela,
Mas, na copa que se alteia,
Intromete-se a lagarta
Escura, disforme e feia.

No troco maravilhoso,
Folhas verdes, flores mil. . .
O traço predominante
É a nota primaveril.

E basta uma só lagarta
De minúscula expressão,
Por fazer, na árvore toda,
Estrago e devastação.

De fato, o conjunto verde
É nobre, forte e preciso;
Mas, em todos os detalhes,
Há sinais de prejuízo.

A lagarta rastejante,
Mostrengo em miniatura,
Vai de uma folha a outra,
Dilacerando a verdura.

As flores, embora belas,
Perfumosas e garridas,
Aparecem deformadas,
Nas corolas carcomidas.

O passeio da lagarta,
Que demora e persevera,
Perturba toda expressão
Da filha da primavera.

Por mais que enfore e se esforce,
A árvore peregrina
Trai, aos olhos, a existência
Do verme que a contamina.

Encontramos na lição,
Desse pobre vegetal,
O homem culto e bondoso
Com o melindre pessoal.

Há muitas almas na Terra,
De feição nobre e segura,
Mas o melindre é a lagarta
Que as persegue e desfigura.

A LÂMPADA

Casimiro Cunha

Em casa, a lâmpada acesa,
Singela e despercebida,
Constitui lição patente
Das mais nobres que há na vida.

Contra a noite escura e espessa,
Que se espalha e reproduz,
Envolve-se de energia,
Resplandece e traz a luz.

Seu trabalho é grande e simples,
Difundindo o sol do bem.
Não discute, não pergunta,
Dá sempre, não olha a quem.

Ilumina o gabinete
De pesquisa ou leitura,
Como aclara a agulha humilde
Da máquina de costura.

Envolve com a mesma luz
A velhice, a enfermidade
A infância, a alegria, a dor,
E os sonhos da mocidade.

Há tumultos, há prazeres?
Amarguras, agonia?
Se não sofre violência,
Eis que a lâmpada irradia.

Serena, silenciosa,
Não se aflige, não consulta,
Nada pede, além da força
Que lhe vem da usina oculta.

Revela todo detalha,
Sem contendas, sem perigo.
A sua demonstração
É o foco que traz consigo.

Não exige condições
Por servir e iluminar,
E define seu ruído
Cada coisa em seu lugar.

Pensem em nossa glória
Quando formos, irmãos meus,
Como lâmpadas do Cristo
Na usina do amor de Deus.

A LAVOURA

Pelo bem da roupa limpa
Não se esqueça a criatura
Dos serviços que custou
O esforço da lavadura.

Raramente se recorda,
Na tarefa rotineira,
O trabalho, o sacrifício
Do campo da lavadeira.

Porque, em verdade, a tarefa,
Inclui disciplina e dores,
Não se lava roupa suja,
Usando perfume e flores.

Por limpar-se no caminho
Necessário à experiência,
Não foge à imersão completa
Nas águas da Providência.

Não dispensa o gosto amargo
Do concurso do sabão,
Alijando-se a bagagem
De sujidade ou carvão.

Passado o atrito da esfrega,
Que impõe cansaço e aspereza,
Transporta-se ao coradouro,
Apurando-se a limpeza.

Depois, é a volta bendita,
À água cariciosa,
Que atende à saúde humana,
Com bênçãos de mãe bondosa.

Qualquer recurso ao lavar,
Com sabão ou corrosivo,
Requisita paciência,
Vigilância e esforço ativo.

O serviço dessa ordem
Faz lembrar ao pensamento
A lavadura precisa
Às roupas do sentimento.

*

Vivamos tranqüilamente,
Sem olvidar, entretanto,
Que nossa alma necessita
Lavar-se em suor e pranto.

Essa lenha pobre e seca,
Que se entrega com bondade,
É sugestão do caminho
E exemplifica a humildade.

Já pensaste em seu passado?
Um lenho seco... que era?
Talvez o galho mais lindo
Dos dias da primavera.

Quem sabe? talvez um tronco,
Terno abrigo nos caminhos,
Um palácio nobre e verde
De flores e passarinhos.

No entanto, em missão de auxílio,
Com santa resignação,
Não se nega a cooperar
Nas máquinas de carvão.

Em noite chuvosa e fria,
Ela é a doce companheira
Que aquece as recordações,
Crepitando na lareira.

Ao seu calor, os mais velhos
Acham prazer na lembrança;
Os mais moços a alegria
De comentar a esperança.

Morrendo animosamente,
Em chamas de luz e graça,
Ela sabe que é de Deus,
Por isso trabalha e passa.

Se viveu rindo e cantando,
Entre seivas e prazeres,
Com os mesmos encantamentos,
Cumpre os últimos deveres.

Ah! quão poucos na jornada
Convertem reminiscências
Em calor, vida e perfume
De novas experiências!...

*

Mas chega o dia em que o homem,
Sem combater, sem negar-se,
Precisa, como essa lenha,
Da coragem de apagar-se.

Quando o homem precisou
Amor e delicadeza,
Concedeu-lhe a Providência
A benção de paz da mesa.

Desde então, em toda parte,
Na esfera em que a luta brilha,
A mesa assinala o passo
Da tribo para a família.

Quer Deus que ela seja em tudo
Bondade, ternura, altar,
Seja em tábua, seja em ouro,
- Outro lar dentro do lar.

Decidem-se, à frente dela,
Os destinos das nações;
É mãe civilizadora
De todas as gerações.

Ajuda, em missões do ensino,
Aos professores e aos pais,
Serve ao campo das igrejas,
Das escolas e hospitais.

Revelando caridade
Que a palavra não traduz,
Oferece o pão do corpo,
Como oferta o pão da luz.

A Providência Divina,
Procurando auxiliar,
Deu-a ao campo evolutivo
Para o homem conversar.

Junto dela, o Cristo Amado,
No socorro aos nossos planos,
Deu a ceia aos companheiros
E o banquete aos publicanos.

Em torno à mesa, cultiva
Respeito, verdade, amor;
Ela é dádiva perfeita
Da esfera superior.

Nos serviços rotineiros,
Não olvides, meu irmão,
Que a mesa de tua casa
É o lar da conservação.

A MINA

É o poço escuro e enorme
Que a mãe Natureza ensina,
Entre exemplos de trabalho,
A grande lição da mina.

Picaretas formidandas,
Batendo a terra escabrosa,
Procuram localizar
A matéria preciosa.

Sob rudes ameaças,
Constroem-se galerias,
O filão exige sempre
Sofrimentos e agonias.

Aqui, maquinismo imenso,
Acolá, perfuradores,
Na conquista do metal
Das zonas inferiores.

Milhares de braços fortes,
Calejados na aspereza,
Afrontam a treva e a morte
Nas sombras da Natureza.

Depois de suor intenso,
Nas câmaras do trabalho,
Retira-se para exame
Grande acervo de cascalho.

Mas o ouro em toda parte
Tem problemas e programas,
Em toneladas de pedra,
Dá somente poucos gramas.

De muita luta e serviço,
Em provações da coragem,
A mina fornece o ouro
Em pequena porcentagem.

Repara que a vida humana,
Doente, pobre ou faustosa,
Em todo lugar da Terra
É mina laboriosa.

*

De muito cascalho inútil,
Nas labutas da existência,
Aprende a extrair na vida
O ouro da experiência.

A MONTANHA

Casemiro de Abreu

Dentre todas as paisagens,
Talvez a mais bela e estranha,
É aquela que se observa
Na solidão da montanha.

Dura e estéril muitas vezes,
Deserta, triste, empedrada,
A montanha nos parece
A terra amaldiçoada.

Entre as rochas do seu corpo,
Florescem cardos somente,
Flores rudes e espinhosas
Da soledade inclemente.

Seus píncaros elevados,
Na figura da paisagem,
Chamam somente a atenção
Do espírito de coragem.

Comparada ao movimento
Do vale em relva macia,
Fornece a impressão penosa
Da aridez e da agonia.

Entretanto, em todo tempo,
É a sua força que encerra
O amparo cariciosa
Aos vales de toda a Terra.

Sem sua dureza agreste,
Repleta de solidão,
As planícies morreriam
Por falta de proteção.

É ela a mão silenciosa
Da energia que produz;
No seu cume nunca há sombras,
Seu dia inteiro é de luz.

No mundo, as almas do amor,
Mais sábias, mais elevadas,
São montanhas que parecem
estéreis e desprezadas.

*

Todavia, é o sacrifício,
De sua desolação,
Que sustenta em toda a vida
Os vales da evolução.

A MUDA

Casimiro Cunha

Quem penetre no jardim,
Quando em plena floração,
Não pode dissimular
Sincera admiração.

Açucenas desabrocham
Desdobrando-se em beleza,
Mostrando a maternidade
Das forças da Natureza.

Além do jardim florido,
Quem se dirija ao pomar,
Experimenta emoção
Que não pode disfarçar.

As árvores generosas,
Sob auréolas de verdura,
Servem pomos de bondade
Às mesas da criatura.

Flores ricas, frutos nobres,
Na abundância indefinível,
Demonstram a Providência
Na bondade inexaurível.

Observe-se, porém,
Como quem cumpre o dever,
Que o nosso primeiro impulso
Vem da idéia de colher.

As flores são decepadas,
Esmaga-se o fruto a esmo,
Em tudo o egoísmo extremo,
Dando conta de si mesmo.

São raros os previdentes
Que guardam consigo a muda,
Por plantá-la com desvelo
Na terra que sempre ajuda.

Em nossa vida, igualmente,
Se vamos à luz dos bons,
Refletimos tão somente
Na colheita de seus dons.

*

Não basta, porém, ganhar,
Por deixarmos de ser pobre:
Plantemos em nossa vida
A muda do exemplo nobre.

A NOITE

Casimiro Cunha

Crepúsculo. E, após o dia
De esforços laboriosos,
Eis que surge a noite cheia
De apelos maravilhosos.

Deus desdobrou sobre a Terra
Seu manto misterioso,
Como pausa necessária
De pensamento e repouso.

As estrelas que se acendem,
Com ternura e rutilância,
Parecem luzes que acenam
De uma cidade a distância.

A luz ditosa convida
À paz e à meditação.
A noite é a parada amiga
De calma renovação.

Se o dia pertence à luta
Da construção terrenal,
A noite é o sagrado ensejo
Da vida espiritual.

Os homens ignorantes
Abusam do seu valor,
Dando vida a todo impulso
De natureza inferior.

Mas quem sabe ser do Cristo
Encontra nela a harmonia
Da fonte de vibrações
Do amor, da paz, da alegria.

Palpita em seu manto a bênção
Do Pai Amado que aprova.
É a ilha rica e encantada,
Repleta de força nova.

Alegra-te em cada noite,
E, tomando o bem por guia,
Entrega a Deus o inventário
Das lutas de cada dia.

Não te enerves no repouso,
Renova teu compromisso.
Quem não sabe descansar,
Mentiroso é o serviço.

A NUVEM

Céu sereno luminoso,
Entretanto, avulta em cima
Um ponto sombrio e triste –
É a nuvem que se aproxima.

Quem mirar o firmamento,
Descansando a luz do olhar,
De súbito, experimenta
Doloroso mal-estar.

Dilata-se o ponto negro,
Em todo o céu que se altera,
O calor é intolerável
Na pressão da atmosfera.

A planta parece aflita,
Mergulhada em solo ardente.
O vento para. O caminho
Sufoca penosamente.

Vem a nuvem dividida
Em vastíssimos pedaços,
Atritam-se os elementos
Em confusão nos espaços.

Em breve, porém a chuva,
Em gotas cariciosas,
Mata a sede das raízes,
Lava as pétalas das rosas.

As folhas ganham verdura,
A estrada se modifica,
É a seiva do céu que cai,
Profusa, bondosa e rica.

Aí, reconhecem todos
Que a nuvem, como ninguém,
Sabia trazer consigo,
A paz, a alegria, o bem.

Assim, a nuvem da vida
Do infortúnio e da desgraça,
Vem sombria e dolorosa,
Chove lágrimas e passa.

*

Um homem, depois das dores,
É mais lúcido e melhor.
Toda sombra de amargura
Traz consigo um bem maior.

Entre as coisas mais singelas
Dos planos da Natureza,
Destaca-se a pedra humilde,
Como símbolo de dureza.

Se alguém requisita imagem
Para a dor de nossa luta,
Em todas as circunstâncias
Lembremos da pedra bruta.

Entretanto, quase sempre,
Em nossa definição,
Há doses de fantasia
E gestos de ingratidão.

A pedra é santa operária,
Exemplo de intrepidez,
No campo material
É base de solidez.

No plano geral do mundo,
Ela humilde é que suporta
O peso da casa amiga,
Do lar que nos reconforta.

Além disso, se apresenta
A luta e a dificuldade,
Coopera na educação
Das forças da humanidade.

Nem sempre a pedra da estrada
Constitui espinho e dor,
Que obstáculo vencido
É posse demais valor.

É certo que a pedra esmaga
Se há preguiça e invigilância;
Mas, muitas vezes, é uma luz
Nas trevas da ignorância.

Olhando-a, nunca te esqueças
Que mesmo a dor da pedrada
Pode ser a grande bênção
De uma vida renovada.

*

Ouçamos a grande voz
Da cátedra de Jesus,
Que colheu as nossas pedras
E nos deu a Eterna Luz.

Dos trabalhos de conquista
Da fortuna dadivosa,
Destaca-se a pescaria
Da pérola preciosa.

Nem todo mar serve à pesca,
Há nas ostras exceção,
Em verdade, muito poucas
Atendem na seleção.

Extremas vicissitudes,
Trabalhos, perigos, dores,
Tudo isso desafia
O esforço dos pescadores.

Não se pode prescindir
De serviços sobre-humanos,
Com cuidado e intrepidez,
No fundo dos oceanos.

É preciso haver coragem
Estranha a qualquer temores,
No justo desprezo aos monstros
Das zonas inferiores.

A descida no mergulho,
Ao longo do enorme abismo,
Traduz um ato de fé
Que descende do heroísmo.

Mas, depois do sacrifício,
A que o homem se conduz,
Vem a pérola mostrando
Um sonho formado em luz.

Todo o ouro amoedado,
Nos arquivos da avareza,
Não cria esse dom de Deus
Que surge da Natureza.

No esforço do pensamento,
Imita essa pescaria:
No oceano do Evangelho
Há paz e sabedoria.

*

Trabalha, despreza os monstros,
Esquece a dificuldade
E acharás com Jesus-Cristo
As pérolas da Verdade

No serviço inicial
Das construções no planeta,
Aparece, indispensável,
O esforço da picareta.

E' quase desconhecida
Na casa elegante e bela;
Pouca gente se recorda
Que não se abrigou com ela.

E' que a nobre picareta
Atende à primeira fase
De cada edificação
Que precise erguer a base.

No trabalho do princípio,
Vencendo a pedra, a rudeza,
Revela ao trabalhador
Obediência e presteza.

Do serviço eficiente
Fornece as maiores provas,
Quebra espinhos, vara outeiros,
Desdobrando estradas novas.

Traça e atende com firmeza,
No início das construções,
Dando forma aos alicerces,
Prezando as obrigações.

Escava terrenos duros,
Humilde, criteriosa,
Por trazer à superfície
A bênção da água bondosa.

Obstáculo? Empecilho?
Oposições de rochedo?
A picareta resolve
Totalmente estranha ao medo.

Na esfera espiritual
Onde o bem pede cuidados,
Há construções igualmente
Com serviços bem pesados.

*

Lembra sempre, meu irmão,
Se queres a Luz Divina,
Que a vontade é picareta
Nas terras da disciplina.

A PLANTAÇÃO

E' muito grande o trabalho,
Enorme a preparação,
Na terra que se destina
Às fainas da plantação.

E' preciso desprezar
Certas plantas, certas flores
Retirar os espinheiros
E arbustos inferiores.

Depois da foice aguçada,
Que opera o desbravamento,
Vêm, a golpes de enxadão,
Limpeza e destocamento.

No corpo da terra nua,
Em lutas laboriosas,
Há frondes e flores murchas,
Cicatrizes escabrosas.

Logo após, o arado amigo,
Cuidadoso, traça a leira,
Completando atividades,
Devidas à sementeira.

O solo dilacerado
Dá conta do esforço ingente,
A terra aberta e ferida
E' o berço justo à semente.

A zona que se consagra,
Às tarefas de cultura,
Fornece lições diversas
Ao campo da criatura.

Muita gente julga, a esmo,
Que as lutas da educação
Se resumem a teoria,
Discurso e doutrinação.

Mas o problema é bem outro:
Não se dispensa a harmonia
Entre ação e ensinamento,
Nos quadros de cada dia.

*

Dores, lutas, sofrimentos,
São bênçãos de formação
Da Divina Sementeira
Nas zonas do coração.

A PODA

Quando é necessário ao campo

Casimiro Cunha

Produção forte e fiel,
Não se pode prescindir
Da poda quase cruel.

É dolorosa a tarefa
Que se comete ao podão,
Não só nos tempos de inverno,
Como em tempo de verão

No pomar esperançoso,
Na vinha feita em verdura,
Há dores indefiníveis
Que nascem da podadura.

Velhos ramos opulentos,
Dilacerados ao corte,
Despenham-se amargurados,
Vencidos de angústia e morte.

Esforça-se a podadeira
No galho que cede a custo,
E as frondes carinhosas
Parecem tremer de susto.

Muita vez, toda folhagem
Sucumbe, desaparece,
Nobres hastes mutiladas
Dão mostras de mãos em prece.

Mas, depois, findo o tormento,
Passada a grande agonia,
Vem a luz da primavera
Nas colheitas de alegria.

Tudo é festa de beleza,
Abundância, fruto e flor,
Devendo-se tudo a bênção
Da poda que trouxe a dor.

Necessita-se igualmente,
No campo das criaturas,
Das podas em tempo calmo,
Em tempos de desventuras.

Nas fainas da luta humana,
O sofrimento é o podão:
Não te furtas à grandeza
Das leis de renovação.

A POMBA

A pomba bondosa e terna

Casimiro Cunha

Sobe, sobe, além dos montes,
E presta serviços nobres
Devorando os horizontes.

Entre os homens, vê-se o mesmo,
Nos caminhos da existência;
A ninguém falta na terra
As asas da inteligência.

Há, porém muita avestruz,
Muitos corvos e galinhas,
E em todo o lugar são raras
As pombas e as andorinhas.

A PONTE

Casemiro de Abreu

Onde a estrada se biparte,

Parando sem que prossiga,
Manda o Pai que se construa
A ponte bondosa e amiga.

Consagrada ao bem dos outros,
Todo instante atenta a isso,
Dom dos céus a revelar
O espírito de serviço.

Suspensa sobre as alturas,
Onde uma queda ameaça,
Sem privilégio a ninguém,
A ponte serve a quem passa.

Sempre pronta no caminho,
No seu esforço incessante,
Todo o tempo, dia e noite,
É bondade vigilante.

Sanando dificuldades,
Dá-se ao que vai e ao que vem,
Pratica com todo o mundo
A divina lei do bem.

Por gozar-lhe toda hora,
Seu constante e terno amor,
Os homens nunca refletem
Na extensão do seu valor.

Muita vez é necessário,
Para que homem possa sentir,
Que em meio da tempestade,
A ponte venha a cair.

No instante em que cada qual
Vê que o bem próprio periga,
Já ninguém mais desconhece,
Quem era essa grande amiga.

A ponte silenciosa,
No esforço fiel e ativo,
É um apelo à lei do amor,
Sempre novo, sempre vivo.

*

Vendo-a nobre e generosa,
Servindo sem altivez,
Convém saber se já fomos
Como a ponte alguma vez.

A PORTEIRA

Casemiro de Abreu

Enquanto a cerca trabalha,
Organizando a dívida,
A porteira se encarrega
Da tolerância precisa.

O caminho generoso,
Defendido em cada lado,
Não pode ser confundido,
Nem deve ser perturbado.

Quem organiza, porém,
O esforço de vigilância,
Pode, às vezes, ser levado
A gestos de intolerância

A rigidez na fronteira,
Tendendo para o egoísmo,
Encontra a porteira sábia,
Que opera contra o extremismo.

Nas praças como nos campos,
Ela ensina, com carinho,
Que a propósitos sagrados,
Não se nega o bom caminho.

A cerca defende a ordem
Dominando o que é contrário,
Mas a porteira bondosa
Atende ao que é necessário.

Há pessoa aflita e triste
Que precise providência?
Ei-la pronta a qualquer hora,
E atende com diligência.

Animais ao abandono?
Necessidades de alguém?
Expõe com simplicidade
A sua missão no bem.

E com calma superior,
Humilde e silenciosa,
Completa o serviço amigo
Da cerca criteriosa.

*

Vivem no mundo almas nobres,
Torturadas de aflição,
Porque lhes faltam porteiras
Nos campos do coração.

A PRAIA

Casimiro Cunha

Mar revolto. Sombra densa,
Ao longo da vastidão.
Vibra a angústia em cada rosto
Na frágil embarcação.

O vento sopra de rijo
Espalhando a tempestade,
As ondas são monstros verdes
No dorso da imensidade.

Dolorosas inquietudes,
Amarguras, nervosismos...
Céu e mar desesperados –
É o choque de dois abismos.

Não mais bússolas, nem velas,
Tudo horror, trovões e vento,
Só resta, entre vagalhões,
O esforço do salvamento.

Ninguém define a distância
E o mais lúcido, o mais forte,
Mergulha-se em pensamento
Nos caminhos para a morte.

É quando a costa aparece,
Trazendo nova esperança.
É a mensagem carinhosa
Dos planos de segurança.

Que alívio dos viajores,
Cansados de sofrimento!...
Eis que a praia simboliza
A luz dum renascimento.

Ao seu lado, volta a calma,
Extinguem-se a sombra e a dor,
Renova-se a confiança
Na esfera superior.

Esse quadro nos recorda
O mundo desesperado,
Que parece muitas vezes,
Grande mar encapelado.

*

Mas todo cristão sincero
É uma praia apetecida,
Onde há paz e segurança,
Caminho, verdade e vida.

A REFEIÇÃO

Casimiro Cunha

Das horas do lar terrestre,
Que falam ao coração,
Destacamos com justiça
A hora da refeição.

Há muita gente no mundo
Que se assenta junto à mesa
E recebe o bem divino
Sem ponderar-lhe a grandeza.

Supõem muitos, mostrando
Juízo ao sabor do vento,
Que a refeição se resume
A despesa e pagamento.

Raros pensam no trabalho
Da Eterna Sabedoria
Que espalha, por toda a terra,
Esse pão de cada dia.

A maior parte dos homens,
Estranha à luz da oferenda,
Aproveita a refeição
Por dar pasto à gula horrenda.

Muitos outros, igualmente,
Dominados de cegueira,
A transformam em campo largo
De excessos de bebedeira.

Não poucos, menosprezando
O corpo sadio e forte,
Em vez de atender a vida,
Procuram moléstia e morte.

Finalmente, em toda a parte,
Pelo método confuso,
O dom do Senhor se torna
Em pastagem para o abuso.

Cartilha Da Natureza

Ouve amigo: não te esqueças,
Nas mais ínfimas estradas,
Que o prato das refeições
É bênção das mais sagradas.

Não olvides que o "pão nosso"
É dom sublime e perfeito;
Se não tens a luz da fé,
Não te esquives ao respeito.

Cartilha Da Natureza

A Visita

Quando Deus criou a Terra
A visita de amizade,
Permitiu-a, incentivando
A paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor,
Que preserva nossa vida,
Deu a norma generosa
Que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando
Com que falta das Alturas,
Nosso Pai ensina isso
Visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas
Que não olvida ninguém,
Aquece as coisas e os seres,
Amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa
E atende à fecundação,
Traz flores, verdura e seiva
E espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal
Nunca falta nem demora,
O Senhor vem ver-nos sempre,
Cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta
Nossas grandes cicatrizes,
Apenas procura meios
De tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia
Com bondade sempre igual,
Buscando estabelecer
O olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores,
Nos dias de dor e abrolhos,
Ao lado de seus amigos,
Não visites com maus olhos.

Maledicência é veneno
Que traz angústias de inferno;
Ganhar visita ou fazê-la,
É divino dom do Eterno.

A SEMENTE

Casemiro Cunha

Nos quadros vivos da roça,
A semente pequenina
É página aberta aos homens,
Mostrando lição divina.

É minúscula, e somente
À luz de grande atenção
Pode ser reconhecida
No campo de plantação.

Quanto pesa? Quase nada:
Coisa muito inferior,
Calcada aos pés, sem cuidado,
Nas lutas do lavrador.

No entanto, grãozinho humilde,
Que pouca gente repara,
Tem tarefas e caminhos,
Lições de beleza rara.

Humilde, pequena e pobre,
Abandonada ao monturo,
A semente é a garantia
Do edifício do futuro.

Coisa mínima lançada
Ao vasto lençol do chão,
Vai ser árvore, celeiro,
Remédio, alimentação.

Mas é justo ponderar,
Ao senso da criatura,
Que a espécie de produção
Responde à semeadura.

Laranjeira dá laranja,
Macieira dá maçã,
Planta rude do espinheiro
É mais espinho amanhã.

As sementes ignoradas,
Da roça desconhecida,
São iguais às bagatelas
Do quadro de nossa vida.

*

Uma palavra, um conselho,
Um gesto, uma vibração,
Vão crescer e produzir
Conforme nossa intenção.

A TERRA E O LAVRADOR

Casemiro Cunha

Nos quadros da Natureza,
A terra e o cultivador
São personagens sublimes
Do livro do Pai de Amor.

A terra mais seca e dura
Conserva, no coração,
As bênçãos da Luz Divina
Que fornece o nosso pão.

E o lavrador é o amado,
A mão simples, meiga e boa,
Que regenera e semeia,
Que cultiva e aperfeiçoa.

Pesados desbravamentos,
Arado rude a ferir..
Humilde, dilacerada,
Toca a terra a produzir.

Quanto mais a enxada vibre
No sulco forte e profundo,
Mais a flor promete fruto,
Mais o celeiro é fecundo

Muita vez, o solo agreste
É lama desamparada,
Mas a mão do lavrador
Traz a vida renovada.

Onde queimava o deserto
E o calor não tinha fim,
Brincam asas buliçosas,
Cantam flores de jardim.

Quem não viu da própria estrada
O esforço do lavrador
E a terra aberta em feridas
Dando a riqueza interior?

Assim, no mundo, a alma pobre,
Inda vil, inda assassina,
Oculta a fagulha excelsa
Da Consciência Divina.

*

E a dor, nossa grande amiga,
Na terra do coração,
É o lavrador bem-amado
Da vida e da perfeição.

A TEMPESTADE

Casimiro Cunha

Quando o ar sufocante,
Quando a sombra tudo invade,

Eis que chegam de repente
Os carros da tempestade.

Trovões, coriscos, estalos,
Granizos, treva. Aspereza;
São convulsões dolorosas
Das forças da Natureza.

Velhas copas opulentas,
Antigas frondes em festa,
Tombam gritando assustadas
Na escuridão da floresta.

Os furações implacáveis
Matam flores, levam ninhos;
A corrente do aguaceiro
Muda a face dos caminhos.

Mas no dia que sucede
Às sombras da convulsão,
A terra é limpa e tranqüila.

O céu é claro-azulado,
O dia é de linda cor,
Tudo chama novamente
A nova expressão de amor.

Quem não teve em sua vida
A tempestade também?
Depois de tudo arrasado,
Floresceu, de novo, o bem.

Aflições e desencanto,
Renovação de ideais,
Desilusões dolorosas,
Desabamentos fatais.

Deus, porém, jamais esquece
De atender e renovar;
Apenas pede aos seus filhos
A energia de esperar.
Cartilha Da Natureza

Caso venha a tempestade,
Guarda a força calma e sã.
Deus é Pai. Ora e confia.
A vida volta amanhã.

A USINA

Casimiro Cunha

Ao lado da queda d'água,

Se existe o rumor da usina,
É justo considerar
A lição que o quadro ensina.

Da corrente que despenha,
Aumentando atividade,
Parte o fluido vigoroso
Que vibra eletricidade.

Transforma-se a cachoeira
Em gerador de energia,
Que a usina prestigiosa
Traduz com sabedoria.

A primeira exprime força
Suscetível de criar,
A segunda é o vaso amigo
Que procura aproveitar.

Uma dá, outra recebe
Com bondade e diligência;
Semelham-se a ordem calma
Ao lado da obediência.

Desse acordo delicado
Nasce o gérmen do processo,
Em que se organiza o bem
Do conforto e do progresso.

Desde então, vencida a sombra,
Há luzes pelos espaços,
Alimento à grande indústria,
Serviço a milhões de braços.

Por servir e obedecer,
Bondosa, confortadora,
Vem a usina a converter-se
Na sublime benfeitora.

O quadro revela os olhos,
Em nobres clarões sem véus,
A cachoeira incessante,
Desgraças que vêm dos céus.

*

Quando houver em cada homem
A obediência da usina,
Toda a Terra brilhará
No trono da Luz Divina.

A VIDRAÇA

Casimiro Cunha

Quem saiba ver nos caminhos

A luz, a beleza, a graça,
Não foge à contemplação
Do símbolo da vidraça.

Existe em tamanhos vários
Mostrando serviços e arte,
Satisfazendo ao conforto
Quase sempre, em toda parte.

Prestativa, atenciosa,
O homem não lhe traduz
A função maravilhosa
De abrir novo campo à luz.

Espelho caricioso
De muita delicadeza,
Seu esforço no trabalho
Tem enorme sutileza.

E que em todos os lugares,
Frente ao mesmo sol de amor,
Dá caminho à claridade,
Mas, conforme a própria cor.

Se vermelha, o apartamento
Guarda-lhe em tudo o matiz,
Parecendo cada coisa
Engrinaldada a rubis.

Se verde, a casa parece
De verdura peregrina;
Se azulada, é a cor do céu
Que se dilata e domina.

Na expressão do colorido,
Tem seu símbolo de escol,
Pois se o vidro é multicolor,
Todo o sol é o mesmo sol.

Quem não percebe aí dentro,
Sem grandes indagações,
O Divino Amor de Deus
E as várias religiões?! . . .

Deus é sempre o mesmo Pai
Que ilumina, cria e sente:
Mas o homem o recebe
De acordo com a própria mente.

A VISITA

Casimiro Cunha

Quando Deus criou a Terra
A visita de amizade,
Permitiu-a, incentivando
A paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor,
Que preserva nossa vida,
Deu a norma generosa
Que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando
Com que falta das Alturas,
Nosso Pai ensina isso
Visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas
Que não olvida ninguém,
Aquece as coisas e os seres,
Amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa
E atende à fecundação,
Traz flores, verdura e seiva
E espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal
Nunca falta nem demora,
O Senhor vem ver-nos sempre,
Cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta
Nossas grandes cicatrizes,
Apenas procura meios
De tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia
Com bondade sempre igual,
Buscando estabelecer
O olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores,
Nos dias de dor e abrolhos,
Ao lado de seus amigos,
Não visites com maus olhos.

Maledicência é veneno
Que traz angústias de inferno;
Ganhar visita ou fazê-la,
É divino dom do Eterno.

O AÇUDE

Casemiro de Abreu

Vai-se o inverno frio e longo,

Volta o tempo desejável,
O açude prossegue sempre
Na harmonia inalterável.

Espelho caricioso
Refletindo o céu de anil,
É lençol de luz e ouro,
Na tarde primaveril.

Durante o dia sem sombras,
Retrata o Sol a brilhar,
Quando a noite vem descendo
Guarda os raios de luar.

Tudo isso é um quadro lindo,
Mas não é só. A represa
É a mensagem da prudência
No apelo da Natureza.

O açude não priva as águas
De manter seus bons ofícios,
Mas sabe guardar as sobras,
Evitando os desperdícios.

No organismo inteligente
De suas disposições,
Fornece canais amigos
Em todas as direções.

E surgem forças cantando,
No pão, na luz, no agasalho.
É a vitória da alegria,
Na abundancia do trabalho.

Se a represa não guardasse
Com prudência e com carinho,
Faltaria o necessário
Nos celeiros do caminho.

Se o perdulário entendesse
O ensinamento do açude,
Jamais choraria a falta
Do sossego e da saúde.

*

Guardar o que seja justo,
Sem torturas de avareza,
É da prudência divina
No livro da Natureza.

O AGUILHÃO

Casemiro Cunha

Na esteira da confusão,
Há perigo, o carro empina.
São golpes de bois madraços
Em horas de indisciplina.

Avançam, rumo ao barranco,
Atiram-se à revelia,
São cegos à estrada enorme
E surdos à voz do guia.

O carreiro vigilante
Atende à situação:
Na canícula dourada
Vibram golpes de agulhão.

A custa de esforço ingente,
A poder de ferroada,
A ordem volta ao serviço,
A harmonia volta à estrada.

Há revolta momentânea
Nos bois rudes, a tremer,
Mas, a bem da paz de todos,
Cada qual cumpre o dever.

E o carro prossegue firme,
Sem desvios, sem parar,
Buscando os objetivos
Que, por fim, deve alcançar.

Na Terra, também é assim:
Nas sendas de redenção,
Todo homem necessita
Estímulo à própria ação.

No lar, como no trabalho,
Desde o berço até a morte
A criatura precisa
Aguilhões de toda sorte.

Muita gente fala deles
Com desespero e com asco;
Mas, Jesus santificou-os
No caminho de Damasco.

*

Obedece a Deus e passa,
Vive sempre atento a isto:
Todo agulhão que te fere
É bênção de Jesus-Cristo.

O ANDAIME

Casemiro de Abreu

Quando o esforço principia

Em toda edificação,
Não se pode prescindir
Da alheia cooperação.

Precisa-se apoio forte,
De base através da qual
Se distribua ao serviço
Concurso e material.

Vem o andaime prestimoso,
É o seguro companheiro,
Que atende às obrigações,
Noite toda, dia inteiro.

De pé vivendo o dever,
Serve a todos com bondade,
É um exemplo de serviço,
E um símbolo de humildade.

Muita vez, pisado a esmo,
Escuro, banhado em lama,
Permanece em seu lugar,
Não se irrita, não reclama.

Findo o esforço rude e longo,
Ao rebrilhar do edifício,
Pouca gente lhe recorda
O trabalho e o benefício.

O quadro é singelo e pobre,
Mas rara é a lição assim -
O benfeitor olvidado,
Que é fiel até o fim.

Além disso, o ensinamento,
Em suas exposições,
Apresenta aos aprendizes,
Duas belas sugestões.

Diz a primeira que um dia
Deveremos esperar,
Agir sem qualquer andaime,
Na vida particular...

*

Indaga-nos a segunda,
Se já fomos para alguém,
O andaime silencioso
Que ajuda a fazer o bem.

O BANHO

Casimiro Cunha

Dos preceitos da higiene,
Fonte clara do vigor,
Destaca-se, em qualquer tempo,
O banho confortador.

Depois da viagem longa,
Findo o esforço, cada dia,
Renovam-se, ao banho calmo,
A paz, a força, a alegria.

A própria vida aconselha,
Por vibrar, forte e louçã,
O contacto da água pura,
Ao começar da manhã.

No trato vulgar do mundo,
À frente da humanidade,
O corpo mais nobre e belo
Não se esquiva à sujidade.

Mais além há fumo e lama;
Mais aquém, há lixo e poeira;
Todo o corpo participa
Do suor e da canseira.

As células esgotadas,
Em ânsias de dor e morte,
Requerem alguma coisa
Que as ajude e reconforte.

Eis que surge o banho amigo,
Com recursos sempre iguais,
A água cariciosa
Tem carinhos maternos.

Depois dele o alívio santo,
A bênção ditosa e pura,
A paz regeneradora
Ao corpo da criatura.

Assim também, nossas almas,
Em serviços contra o mal,
Nunca podem prescindir
Do banho espiritual.

Luta a luta, dia a dia,
Levemos o coração
Às águas do Pensamento
Para o banho na Oração.

O BARRICACHO

Casimiro Cunha

Por vezes, na atividade
Das viagens, do transporte,
O animal em disparada
Promete desastre e morte.

Por mais que sustenha a rédea
E colabore o cocheiro,
Em tudo, paira a ameaça
De rumo ao despenhadeiro.

Trabalhos imprescindíveis
Sofreriam dilação,
Se o condutor não agisse
Com firmeza e precisão.

Antecipando o terror
Da descida, abismo abaixo,
O montador ou o cocheiro
Recorrem ao barbicacho.

Reage o animal teimoso,
Rebela-se e pinoteia,
Mas tudo cessa de pronto,
Na abertura da correia.

Se busca saltar de novo
Sob fúria mais violenta,
Eis que lhe vaza a boca
Espuma sanguinolenta.

De queixo posto no entrave,
Qualquer coice dado a esmo,
Se pode ofender os outros,
Dói muito mais nele mesmo.

Em pouco tempo o rebelde,
Agora sem mais descanso,
Trabalha tranqüilamente
Humilde, bondoso e manso.

Assim, também muita gente
Em falsa compreensão,
Ao invés de trabalhar,
Faz queixa e reclamação.

*

Contudo, à beira do abismo,
Antes da queda ao mais baixo,
Recebem os linguarudos
As bênçãos de um barbicacho.

O BARRO E O OLEIRO

Casimiro Cunha

É um exemplo de bondade
O esforço nobre do oleiro,
Cuja grande atividade
Tem a base no lameiro

Muitos sentem aversão
Por sua tarefa hostil,
Dedicada, dia e noite,
Ao barro nojento e vil.

Seu trabalho é quadro rude
Que a lama invade e não poupa,
É barro, por toda a parte
No rosto, nas mãos, na roupa.

Seu serviço é tão ingrato
Junto à massa indefinível,
Que a tarefa mais parece
Um sofrimento invencível.

Mas todo barro mais pobre,
Ao toque do seu amor,
Fornece os vasos divinos
De formosura e valor.

Quanto mais tempo e trabalho,
Mais triunfa, mais se ufana...
E vemos a lama escura
Transformada em porcelana.

Além dessas jóias raras
De sublimes expressões,
É o oleiro quem dá corpo
Às vossas habitações.

O tijolo faz a casa,
A telha cobre a mansão,
O homem ganha o seu lar
Que é templo do coração.

Nas estradas de miséria,
Não mais éramos que lama,
E eis que o Mestre no Evangelho
Nos esclarece e nos chama.

*

O Cristo é o Divino Oleiro
Que opera com perfeição;
Somos nós o barro vil,
Guardado na sua mão.

O BOTÃO

Casimiro Cunha

Na extrema delicadeza
Da verdura perfumosa,
Destaca-se pequenino
O tenro botão de rosa.

Não há sinal de corola,
Vê-se apenas que começa
A surgir a flor divina
Num cálice de promessa.

E às vezes, nas alegrias
De doce festividade,
Espera-se pela rosa
No caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta
Com que se adorne a beleza,
Mas não há lei que perturbe
Os passos da Natureza.

É certo que toda rosa,
Como jóia de paisagem,
Nunca pode prescindir
Do zelo da jardinagem.

Precisa tempo, entretanto,
Na sombra e na claridade,
Requerendo orvalho e sol,
Noites, chuva, tempestade.

Por crescer, pede cuidado
Nos inícios da existência,
Mas, morrerá com certeza
A golpes de violência.

Assim, também, quase sempre,
A muita crença em botão
Tentamos impor, à força,
A nossa compreensão.

Toda crença é patrimônio
Que não surge improvisado;
É a rosa da experiência,
Em terras do aprendizado.

*

Se tua alma vive em festa,
Na fé que pratica o bem,
Ajuda, coopera e passa...
Não busques torcer ninguém.

O CAJADO

Casemiro Cunha

Quem faça viagem longa,
Se é prudente e ponderado,
Jamais pode prescindir
Do concurso de um cajado.

Conduzir arma de fogo
Ultrapassa a obrigação,
Evite-se a qualquer preço
A morte e a destruição.

Entretanto, é indispensável,
Nas surpresas do caminho,
Que se guarde alguma coisa
Contra a pedra, contra o espinho.

O bordão é companheiro,
Não se aflige, não se assusta;
Permanece na defesa
Do esforço da causa justa.

Pode agir sem destruir,
Cede apoio com proveito,
Prestativo, atencioso,
Infunde calma e respeito.

Desvia o curso à serpente,
Traça rotas, vence o mato,
Em todas as latitudes,
O bordão é herói no tato.

Sonda o leito do caminho,
Pratica a verdade e o bem,
Onde há fogos e perigos,
Informa como ninguém.

Com seu auxílio é possível
Prosseguir e caminhar,
O próprio cego dos olhos
Não precisa estacionar.

Reparando-se, porém,
No ensino a que o quadro alude,
A jornada é nossa vida,
O bordão, nossa atitude.

*

Segue honesto, a passo firme,
De espírito sossegado,
Não sofras pelo dinheiro,
Mas conserva o teu cajado.

O CAMPO E O JARDIM

Casemiro Cunha

Nas lutas de cada dia,
Nas estradas da existência,
Lembra que o campo e o jardim
São pontos de referência.

Um é a esfera de trabalho
Que fica estranha ao teu lar,
O outro é a intimidade
Da vida particular.

No primeiro é a mão de Deus
Que decide com grandeza,
Na harmonia inescrutável
Das forças da Natureza.

No segundo é a criatura,
Que, usando elementos seus,
Ganha a vida, usufruindo
Os opimos bens de Deus.

O campo eterno, infinito,
Vai de um mundo a outros mundos,
É a vibração do universo,
Em seus problemas profundos.

O jardim é a casa amiga,
Pobre ou rica, sempre boa,
É a bela oportunidade
Da luta que aperfeiçoa.

As penas, as amarguras,
De um lar de trabalho e dor,
São trilhas que dão acesso
Ao bem santificador.

Quem não zele seu jardim,
Com sacrifício e bondade,
Mui longe está de atender
No campo da humanidade.

Entretanto, vemos homens,
Herdeiros dos fariseus,
Que já pretendem ser anjos,
Sem serem bons para os seus.

*

Se queres segar o campo
Da luz e do amor sem fim,
Não descuides um minuto,
Das coisas do teu jardim.

O CARRO

Casemiro Cunha

Nos problemas de viagem
Por vencer qualquer distância,
Todo carro requisita
Esforços de vigilância.

Antes de tudo, atendendo
As lições da Natureza,
Não se pode prescindir
Dos detalhes da limpeza.

O carro é prestigioso,
Mas, no longo das estradas,
Pede amparo da prudência,
Nos serviços, nas paradas.

Aqui, reclama remendo,
Mais além um parafuso,
Todo o zelo é necessário
Preservando-se do abuso.

De quando em quando, é preciso
Exame calmo e acurado,
Cada peça solicita
Carinho, atenção, cuidado.

Ferramentas, graxa e óleo
Requisitam provisões;
Somente o bem da reserva
Remedeia inquietações.

Sem isto, qualquer jornada
Vale por louca aventura,
Que termina comumente
No desastre da loucura.

O carro mais reforçado,
À desídia do cocheiro,
Abandona o rumo certo,
Resvala ao despenhadeiro.

No mundo assim também é:
O homem, na humanidade,
É o viajor desmandando
As luzes da eternidade.

*

A experiência é a viagem,
O carro é teu organismo:
Quem descuide o próprio corpo
Precipita-se no abismo.

O CEMITÉRIO

Tristeza, luto e silêncio,
Desolação e amargor.

Casimiro Cunha

O quadro de um cemitério
Inspira saudade e dor.

Aqui, lápides custosas,
Ali, raros mausoléus,
Anjos de pedra apontando
A cúpula azul dos céus.

Além sepulturas pobres,
Sem o mármore das lousas,
Que se confundem sem palmas
No seio comum das coisas.

Em uns, a ambição pomposa
Que se estende à própria morte;
Em outros, o esquecimento,
Contrastes das mãos da sorte.

Mas em todos os recantos,
A realidade é a lição
Do túmulo: o estojo triste
De sombras e podridão

E o cemitério descansa
Em triste serenidade,
Assinalando em silêncio
O fim de toda a vaidade.

No entanto, entre as cruzes mortas,
Sobre corpos verminados,
A primavera traz lírios
Risonhos e perfumados.

Cantam rosas de alegria
Sobre as dores da tristeza;
O cipreste enfeita os dias
E as noites da Natureza.

Cartilha Da Natureza

Já observaste? No mundo,
Nos trilhos mais viciados,
Temos sido muitas vezes
Como "túmulos caiados".

Mas Jesus que é o Jardineiro
Da paz, do amor, da bonança,
Faz florir em nossas trevas
Seus caminhos de esperança.

O CIPÓ

Casimiro Cunha

Sobre a árvore frondosa
Que mostra calma infinita,

Abraçada ao tronco forte
Lá se vai o parasita.

Não atinge o cerne, a seiva,
Mas buscando a copa, as flores,
Enrodilha-se, teimoso,
Nas cascas exteriores.

Agarrado tenazmente,
Vai subindo vagaroso,
Alcançando o cume verde
Do arbusto generoso.

Aboletados nos cimos
Do castelo de verdura,
O cipó audacioso
Aparenta grande altura.

Deita flores opulentas
De expressão parasitária,
Avassalando a nobreza
Da árvore centenária.

Recebe os beijos do sol,
Embala-se na ternura
Da carícia perfumosa,
Da brisa mais alta e pura.

Mas, vem o dia em que o Pai,
Na lei de renovação,
Chama o tronco nobre e velho
As bênçãos da mutação.

É aí que o cipó vaidoso
Demonstra o que não parece,
Voltando ao pó do chão duro,
Para as zonas que merece.

Quanta gente brilha ao alto,
E, no fundo, inspira dó?
Há milhões de criaturas
Vivendo como o cipó.

*

Jamais olvides a lei
De trabalho e obrigação,
Não queira mostrar-te ao alto
À custa do teu irmão.

O CUPIM

Casemiro de Abreu

Causa pena olhar o campo

Quando pobre de verdura,
Sofre a terra a intromissão
Do cupim que a desfigura.

Debalde a vegetação
Se estende em ramaria,
O solo não apresenta
A mesma fisionomia.

O cupim obstinado
Multiplica-se em rebentos,
Parece que o chão se cobre
De tumores pustulentos.

Em vão, a chuva convida
Às forças de produção,
Debalde o Sol traz a luz
De paz e renovação.

Não faltam bênçãos do Céu
Que atendam aos dons da vida,
Mas a terra permanece
Desolada e ressequida.

O cupim vai provocando
Estrago, calamidade,
E o campo mostra ruínas,
Miséria, esterilidade.

Às vezes são necessários
Muito esforço, muitas dores,
Por expulsar a família
Dos insetos invasores.

Sem trabalhos decididos
Por parte da agricultura,
O cupim transforma a terra
Numa extensa sepultura.

Lembremos, vendo esse quadro
Da esfera dos lavradores,
As almas avassaladas
De idéias inferiores.

*

Sê forte em qualquer trabalho,
Cada luta é uma lição.
Tristezas e desalentos
São cupins no coração.

O DESPERTADOR

Casimiro Cunha

O relógio é o grande amigo
Na vida da criatura;
Acompanha-lhe a viagem
Desde o berço à sepultura.

Metódico, dedicado,
Movimentando os ponteiros,
Marca os risos infantis
E os gemidos derradeiros.

Revela oportunidades,
Mostra a bênção do minuto,
Indica tempo à semente,
Como indica tempo ao fruto.

Mas de todos os relógios
Que atendem cheios de amor
É justo salientar
O amigo despertador.

Quando alguém dorme ao cansaço,
Ele vibra, ajuda e vela,
Ritmando o tique-taque,
Tem coisas de sentinela.

Na hora esperada e justa,
Pontual, invariável,
Chama à luta o companheiro
Em bulha desagradável.

O seu barulho interrompe
O repouso desejado,
Acorda-se quase à força,
Levanta-se estremunhado.

Mas, somente ao seu apelo,
Há lembrança dos serviços,
Buscando-se incontinenti
A zona dos compromissos.

Assim, na vida comum,
Nas lutas de redenção,
Todo o tempo é precioso
Em qualquer situação.

Mas o tempo que nos fere,
Em provas, serviço e dor,
É o melhor de todos eles,
É o nosso despertador.

O DIA

Casemiro Cunha

O dia é o bom companheiro
Que, enquanto a sombra se esvai,

Cada manhã, abre as portas
Das bênçãos de Nosso Pai...

Haja guerras entre os homens
De sentimentos mesquinhos,
O dia chega espalhando
Luz e vida nos caminhos.

Começa o rumor amigo
Da enxada, dos bois, do malho:
É a casa de Deus vibrando
Em cânticos de trabalho.

Generoso, claro e alegre
Vem do céu e atento a isso,
Fornece a todos os ensejo
Do espírito de serviço.

Que vale um dia? Interroga
Quem não sabe ter vontade;
Mas, cada dia é caminho
Na esfera da eternidade.

Quem não saiba aproveita-lo,
Entregue à preguiça vã,
Cria espinhos escabrosos
Para a estrada de amanhã.

O dia é o mestre do esforço,
Que, com carinho e com arte,
Atende bondoso a tudo,
Trabalhando em toda a parte.

Feliz quem lhe segue a rota
Desde a luz do amanhecer,
Fazendo quanto possível
Nos quadros do seu dever.

Ai da preguiça que dorme,
Que se esconde de mansinho!
Deixemo-la sepultada
Nas penumbras do caminho.

*

Se queres felicidade
Em paz e sabedoria,
Evita as indecisões,
Trabalha, seguindo o dia!

O DIAMANTE

Casimiro Cunha

No serro desamparado
Que chama ao suor e à luta,
O diamante luminoso

Descansa na pedra bruta.

Por conquistá-lo é preciso
Vencer enorme aspereza,
Eliminando os percalços
Que surgem da Natureza.

Sobretudo, é imprescindível
Estudar todo o cascalho,
Sem desprezar-lhe a dureza
No espírito do trabalho.

Longo esforço, longa espera,
Serviço e compreensão,
Tudo isso é indispensável
Ao bem da lapidação.

Ao preço de luta ingente,
A pedra sonha e rebrilha.
É a divina descoberta
Da gota de maravilha.

Pouca gente lembrará
Que a jóia de perfeição
Constitui a experiência
Dos átomos de carvão.

A princípio, não passava
De míseros fragmentos
De carbono desprezível
Na força dos elementos.

Nas grandes transformações,
Viveu obscura e ao léu,
Mas, agora, é flor de luz,
Refletindo a luz do céu.

Quem não vê na jóia rara,
Sublimada e soberana,
A história maravilhosa
Dos caminhos da alma humana?

*

Nos serros da Humanidade
Que a ignorância domina,
Cada ser guarda o diamante
Da Consciência Divina.

O ESTERCO

Casimiro Cunha

O esterco que espalha o bem,
Vive em luta meritória;
Se é pobre, tem seu proveito,

Seu caminho, sua história.

Quase sempre, chega aos motnes
Dos redis e dos currais,
Escuros remanescentes
Da esfera dos animais.

De outras vezes, vem das zonas
De imundície e esquecimento,
Onde a vida se transforma
Em triste apodrecimento.

Em outras ocasiões,
É detrito das estradas,
Lixo estranho e nauseabundo
Das taperas desprezadas.

É a decadência das coisas,
No resumo do imprestável,
Fase rude e dolorosa
Da matéria transformável.

Em síntese, todo esterco
É derrocada ou monturo,
Que das sombras do passado
Lança forças ao futuro.

Analisando esse quadro,
Veremos que a podridão
Vai ser cor, perfume, fruto,
Doçura e renovação.

Notemos, porém, que a flor
Vibra ao alto, linda e santa,
Enquanto o adubo não passa
Do solo, dos pés da planta.

Na vida também é assim:
O erro, a miséria, o mal
Podem ser algumas vezes,
Esterco espiritual.

*

Todavia, é necessário
Que das lutas, através,
Aproveitemos o adubo,
Esmagando-o sob os pés.

O FAROLEIRO

Casimiro Cunha

Enquanto o leque da noite
Agrava a sombra e o perigo,
A distância, eis que se acende
O farol bondoso e amigo.

A luz define os caminhos,
Mostra o vulto dos rochedos,
Pode o barco prosseguir,
A treva não tem segredos.

Tudo é noite sobre o abismo,
Mas na torre existe alguém,
Atento em manter a luz,
Disposto a fazer o bem.

É o faroleiro. Em silêncio
Clareia a amplidão do mar,
Determina o rumo certo
E atende sem perguntar.

Navios maravilhosos,
Em prodígios de conforto,
Recebem-lhe o benefício
E seguem, de porto a porto.

Passam barcos de descanso,
Jangadas laboriosas. . .
O farol ajuda sempre
Sem perguntas ociosas.

Todos devem ao farol,
Do comando ao marinheiro,
Mas quase ninguém conhece
As dores do faroleiro.

Por servir e auxiliar,
Aceita uma condição:
A vida de insulamento
Muita vez em privação.

Se ouvirmos as grandes vozes
Da verdade soberana,
Na terra acontece o mesmo
Nos mares da luta humana.

Quem possa trazer mais luz
Vive em campo solitário,
Tal qual o Mestre Amoroso
Da torre em cruz do Calvário.

O FIO

Casemiro Cunha

Nos movimentos da agulha,
Nas tarefas do tear,
O fio é muito importante

Na base de todo lar.

Pouca gente lhe observa
Os valores, vida em fora;
Na verdade, é companheiro
Nas lutas de cada hora.

Humilde, tênue, singelo,
Às vezes quase impalpável,
Para o pobre, para o rico,
É matéria indispensável.

Existe em padrões diversos,
No algodão, em seda, em lã,
E entre as dádivas do mundo
É sublime talismã.

E' bênção do amor de Deus,
Que acompanha a criatura
Nos campos do mundo inteiro,
Desde o berço à sepultura.

Entretanto, é alguma coisa
Muito frágil, muito leve,
Cuja trama delicada
Nosso lápis não descreve.

Por ele, milhões de seres,
No espírito do trabalho,
Encontram caminho e vida,
Luz e paz, força e agasalho.

Olha o fio pobre e simples!
Que lição útil e bela!...
E' tesouro do caminho,
Mas parece bagatela.

Observando-o, recordo
As glórias e fins supremos,
Do tempo que é luz divina,
Neste instante que vivemos.

*

O segundo é gota humilde,
O século é vasto rio ...
Vive em Deus cada momento
Que o minuto é nosso fio.

O GRANDE RIO

Casemiro de Abreu

Em marcha laboriosa,
No sulco amplo e sombrio,
Profundo e silencioso
Eis que passa o grande rio.

Ao seu seio dadivoso,
Afluem fontes da serra,
Ribeiros de níveis altos,
Detritos de toda terra.

O rio mais elevado
Desce os montes à procura
De sua paz generosa
Na marcha calma e segura.

Por saber harmonizar-se
Nos bens do mais baixo nível,
Conserva toda a imponência
Da grandeza indefinível.

Faz caminhos gigantescos,
Cria povos eminentes,
É ele quem leva ao mar
As águas dos continentes.

É pai das economias
De todo o humano labor,
Mas quase ninguém se lembra
Dessa dívida de amor.

Que importa, porém? O mundo
É o homem que esquece e cai,
Sem ver a missão do bem,
Nas bênçãos do próprio Pai.

O grande rio conhece
A luz desse imenso arcano
Sobre o nível mais humilde
Busca a força do oceano.

Assim também a alma grande,
Nas últimas posições,
Recebe as ânsias de paz
De todos os corações.

*

Em dores silenciosas,
É o grande rio que vai,
Dando o bem a todo o mundo,
Em busca do amor do Pai.

O INCÊNDIO

Casimiro Cunha

Elevam-se labaredas. . .
O fogo ameaçador
Foi centelha, mas agora
É incêndio devorador.

Ninguém lhe conhece a origem
Obscura, nebulosa,
Ninguém sabe onde se oculta
A mão rude e criminosa.

A fogueira continua
Buscando mais alto nível,
Aumentando de extensão
Quando ganha em combustível.

Estalam antigos móveis,
Prosseguem a destruição;
Em torno anseio infinito,
Amarga desolação.

Língua rubra, formidanda ,
Varre agora a cumieira.
Toda a casa se esboroa. . .
Sob a ação dessa fogueira.

Desdobra-se o nobre esforço
De amparar e socorrer,
A bondade põe-se em campo,
Ciosa do seu dever.

Entretanto, embora o auxílio
Dos trabalhos de emergência,
A nota predominante
É o carvão da experiência.

Assim é o mal neste mundo:
A princípio, sem que doa,
Envolve a perversidade
Em forma de coisa a toa.

Depois, é o braseiro extenso,
O furor incendiário,
Que atinge distância enorme
Com a lenha do comentário.

Vigia-te a cada instante,
Atende, pensa, examina!
Todo incêndio começou
Na fagulha pequenina.

O LIXO

Casemiro Cunha

Cada dia, a residência
Que a higiene ensine e ajude,
Lança fora todo o lixo

Na defesa da saúde.

Grandes cestos, grandes latas,
Guardando detrito escuro,
Enchem grandes carroçadas
Que seguem para o monturo.

Contemplando o movimento,
Lembremos que a sujidade,
Muita vez foi qualquer coisa
Em plano de utilidade.

Roupa usada, vestes rotas,
Velhas peças carunchosas,
Em outros tempos já foram
Queridas e preciosas.

Ornatos apodrecidos,
Tristes relâmpagos sem lume,
Conheceram muitas vezes
Festa e luz, vida e perfume.

Resumem, contudo, agora,
O lixo que não convém,
Escuro e pernicioso,
Contrário à saúde e ao bem.

Para ele, em todo o mundo,
A casa nobre e educada
Reserva, cada manhã,
A bênção da vassourada.

Se não tem função de esterco,
Junto à terra menos rica,
Vai ao fogo generoso,
Que renova e purifica.

Na esfera de ensinamento
Da verdade sempre igual,
O lixo personifica
A estranha expressão do mal.

*

Escuta! Se o bem de ontem
Hoje é mal e sofrimento,
Não deixes de procurar
Os cestos do esquecimento.

O LUAR

Casimiro Cunha

Nas bênçãos de paz da noite,
Talvez a maior beleza
Seja o luar que se espalha
Na vida da Natureza

O campo dorme em silêncio,
E o luar na estrada em flor
Distribui com toda a planta
O orvalho confortador.

Do céu alto manda brisas
Alegres e perfumadas
Beijar as folhas mais pobres,
Tristonhas e abandonadas.

Por todo o lugar desdobra
Sua luz aberta em palmas,
Afiando as esperanças
Do divino amor das almas.

Em toda parte onde exista
O anseio de um coração,
Ensina o carinho amigo
Do alfabeto da afeição.

Desde os tempos mais remotos,
O luar, pelas estradas,
Foi tido como padrinho
Das almas enamoradas.

Ao nosso ver, todavia,
Nas grandes lições do mundo,
Sua imagem representa
Simbolismo mais profundo.

Sua luz mantém na noite
A mais nobre das disputas,
Não cedendo à treva espessa
As poses absolutas.

Entre os homens deste mundo,
O mal, o crime e o ateísmo
Tudo ensombram provocando
A noite de um grande abismo.

Mas a esperança resiste
E acende na noite imensa.
A luz clara e generosa
Do eterno luar da crença.

O MALHADOURO

Casimiro Cunha

Na época dadivosa
Da colheita cor-de-ouro,
É tempo de conduzir
Cereais ao malhadouro

Espigas maravilhosas
Vêm às mãos do tarefeiro,
Aglomerando-se em busca
Da secagem no terreiro

Antigamente eram flores
Mostrando verdura e viço;
Agora, a compensação
Que se reserva ao serviço.

Mas por ser o resultado,
A garantia, o futuro,
O grão rico e generoso
Precisa ser nobre e puro.

O lavrador cuidadoso
Organiza providências,
É necessário excluir
As últimas excrescências.

Inicia-se a limpeza,
Servidores a malhar,
No espaço o longo assobio
De varas cortando o ar.

São precisos golpes rudes,
Bordoadas no bom grão,
Por conferir-lhe a grandeza
De servir, além chão.

Depois disso, alcança a glória
De amparar o lavrador,
A alegria de prover
Em nome do criador.

Se ao longo de tua vida
Sentes choques mangual,
É que estás em madureza
No campo espiritual.

Não fujas ao malhadouro,
Guarda paz e vigilância:
Que a luta nos roube agora
Os restos da ignorância.

O MAPA

Casemiro Cunha

Nos serviços necessários
A qualquer expedição,
O mapa é bondoso guia,

Servindo à orientação.

E' sempre o mentor fiel,
Evitando o erro, a fossa,
E' a força da experiência
Que passou antes da nossa.

Por obter-lhe o concurso,
Houve lágrimas, suor,
Sofrimentos, sacrifícios,
Misérias, ruínas, dor.

Por traça-lo, muitas almas
Gemeram desconhecidas...
Certos mapas representam
Muitas mortes, muitas vidas.

O espírito estacionário,
Paralítico, inferior,
Embora lhe guarde o ensino,
Desconhece-lhe o valor.

Mas aquele que aproveita
O ensejo de cada dia,
Consulta e atende ao roteiro
Em paz e sabedoria.

Sabendo-se viajor
Nos caminhos da existência,
A carta de indicações
Dirige-lhe a experiência.

Estudando-a, com razão,
Vê-se intrépido e seguro,
Quem vigia no presente
Tem reservas no futuro.

No Mapa dos Corações,
Jamais esqueçamos disto:
O roteiro do Evangelho
Custou muito esforço ao Cristo.

*

Sigamo-lo com carinho
Em nossa oportunidade.
Estamos a percorrer
As sendas da eternidade.

O MAR

Casimiro Cunha

Na expressão profunda e viva
Das forças da Natureza
Eis que o mar a tudo excede
Em formosura e grandeza.

Nos seus abismos trabalham
Milhões de laboratórios,
De onde nascem para a vida
As larvas e os infusórios.

As almas se modificam,
Renova-se o esforço humano,
Mas é sempre inalterada
A oficina do oceano.

Desde os primórdios do tempo
De sua edificação,
A sua finalidade
É a força da criação.

Foi nas águas generosas
De seu seio almo e fecundo,
Que alcançaram nascimento
As formas de todo o mundo.

Depois de sagrar a vida,
Eis que opera em todo o dia,
Fazendo as nuvens da chuva,
Que alenta, renova e cria.

Deus concedeu-lhe a grandeza
De ser profundo e inviolável,
Protegendo-lhe a missão
Do equilíbrio inalterável.

Com a sua dominação
Esplêndida e solitária,
É fator de ordem perfeita
De toda a lei planetária.

É o testemunho fiel,
De Deus em nossa existência,
Dando o ensino da equidade
Que nasce da providência.

*

Mas se pode demonstrar
Tão grande revelação,
É que o lugar onde os homens
Não podem meter a mão.

O MÁRMORE

Casimiro Cunha

No gabinete isolado
Dos serviços de escultura,
Há muita coisa que ver
Com a vida da criatura.

O mármore chega em bloco
Dos centros da Natureza,
Em trânsito para o campo
Do espírito e da beleza.

É pedra, vai ser tesouro;
É rude, vai ser divino;
Todavia, não se sabe
Quando chega ao seu destino.

Golpe aqui, golpe acolá,
O artista começa a luta,
É o sonho maravilhoso
Amando a matéria bruta.

As arestas vão caindo...
É a carícia do martelo,
Desponta o primeiro traço
Vigoroso, firme e belo.

O cinzel fere e desbasta,
E, às vezes, pede o formão.
O artista prossegue atento
Dando vida à criação.

Golpes fundos, ferimentos...
Mas, eis quando se aproxima
O termo do esforço longo
Na aquisição da obra prima.

Depois, é a jóia formosa,
De valor alto e profundo,
Que as fortunas de milhões
Não podem fazer no mundo.

Esse mármore da Terra,
No fundo, é qualquer pessoa,
O artista, é o tempo, e o cinzel,
A luta que aperfeiçoa.

*

Quando os golpes de amargura
Te cortarem o coração,
Recorda o cinzel divino
Que dá forma e perfeição.

O MILHARAL

Casemiro Cunha

O milharal nos parece,
Do caminho que o sol doura,
Uma esperança de Deus
Sobre as bênçãos da lavoura.

Além disso, representa
Uma elevada oficina,
Da nobre lei do trabalho
Que o Pai de Amor nos ensina.

Deus dá tudo: a terra, o ar,
As chuvas e os instrumentos,
Indicando o tempo próprio
Com a força dos elementos.

Manda o homem, que é seu filho,
Cuidar da terra que é sua
E esse filho convocado
Guia o traço da charrua.

Germina a semente amiga,
Mas até que dê seus frutos,
Exige muitos cuidados,
Constantes e absolutos.

Em seguida, o céu concede
A espiga amada e perfeita,
Pedindo as dedicações
Nas tarefas da colheita.

Vem logo a descascadura,
Depois o debulhador,
E o moinho em movimento
Nas lides do lavrador.

Somente agora o celeiro
Guarda as forças do bom grão,
A esperança carinhosa
Da véspera de seu pão.

E' um ensino generoso
Que a leira de milho encerra,
Um quadro de exemplo amigo,
Das lutas de toda a Terra.

*

Deus palpita em toda a parte,
Nada faz ou cria a esmo,
Mas pede em tudo a seu filho
A elevação de si mesmo.

O OÁSIS

Casimiro Cunha

Em torno, o despovoado,
Os lençóis de areia ardente...
O viajor vive o seu drama

Doloroso e comovente.

Nenhuma vegetação,
Nem a benção de uma fonte,
O quadro é desolador,
Embora a luz do horizonte.

Cansado de sede e fome,
Sofre e sua, sonha e chora,
Desde a aurora rutilante
Às promessas de outra outrora.

Pede em vão, suplica a esmo,
No auge das aflições,
Guardando na alma ansiedades,
Angústias, recordações.

O vento levanta a areia,
Desfigurando as paisagens,
E o pobre sorri chorando
Na carícia das miragens.

Concentra-se, avança mais,
Quase morto de alegria;
Contudo, desfaz-se a tela
Dos planos da fantasia.

Arrasta-se amargamente,
Ralado de desventura,
Mas, na última esperança,
Surge um canto de verdura.

É o oásis que o Senhor,
Atento à nossa viagem,
Mandou para os caminheiros
Que persistam na coragem.

Nos trabalhos deste mundo,
Em rumo obscuro, incerto,
Muita vez encontrarás
Inclêmências do deserto.

*

Deus vela. Prossegue a luta,
Sem lamento, sem gemido...
Atingirá, talvez hoje,
O oásis desconhecido.

O ORVALHO

Casimiro Cunha

Se a chuva pode tardar,
Há sempre a bênção do orvalho,
Sustentando a Natureza

No campo do seu trabalho.

Ao termo de cada noite,
Nas auroras coloridas,
Podemos felicitá-lo
Nas ervas agradecidas.

A planta nunca descrê;
Espera, trabalha e dá.
Na luta jamais se esquece
Que o Pai não a esquecerá.

Se o ano é de chuva escassa
Para o bem das produções,
Muitas vezes basta o orvalho
Na força das estações.

Ao seu beijo a terra espera,
A folha volta ao verdor,
A flor ostenta-se em festa,
O dia é renovador.

Nas forças da Natureza,
O orvalho é como o sorriso
Que desce diariamente
Das bênçãos do paraíso.

Seu hálito carinhoso
Ameniza a atmosfera;
No verão mais sufocante
É filho da primavera.

É sempre um fraterno amigo,
Um símbolo de defesa,
Do bem entre as forças várias
Que oprimem a Natureza.

A nós outros, ele ensina,
No efeito de sua ação,
Quanto pode conseguir
A boa disposição.

Sorrisos, calma, bondade,
Prudência, paz, bom humor,
São em tudo o brando orvalho
Da altura do nosso amor

O PÂNTANO

Casemiro de Abreu

É um quadro sempre inquietante
Que inspira pena e cuidado

Quando vemos no caminho
O pântano abandonado.

Enquanto, em redor de si,
Há cantos que a vida entoam,
Ele espera ansiosamente
O esforço que aperfeiçoa.

Todo o ar é pestilento
Em sua fisionomia,
Nos seus bancos lamacentos,
Ninguém descansa ou confia.

Muitos poucos se aproximam
Do barro de sua imagem;
É ferida cancerosa
No organismo da paisagem.

Mas, um dia, o lavrador
Dá-lhe atenção, dá-lhe drenos,
E o pântano desolado
É o melhor dos seus terrenos.

Onde havia lodo e lama,
Águas sujas e amargas,
Os legumes são mais ricos,
As flores mais perfumosas.

Essas terras desprezadas,
Tão pobres e desiguais,
Ensinam, em toda parte,
Que Deus é o melhor dos pais.

Entre as quedas dolorosas,
Nos erros e nos desvios,
Nós somos, na Criação,
Pontos tristes e sombrios.

Nossa idéia de virtude,
A mais bela em sentimento,
É a que nasce nos monturos
Da lama do sofrimento.

*

Deus, porém, que é o Pai Amigo,
Jamais nos deixou a sós,
Jesus é o bom lavrador,
E o pântano somos nós.

O PÃO

Casimiro Cunha

Em casa, chega o momento

Destinado à refeição. . .
Raro aquele que recorda
A história de luz do pão

Quase sempre, vem de longe,
Das zonas do campo em flor
Oferecer-se à criatura
Em nome do Pai de Amor.

Foi semente sepultada
Na terra ferida e escura,
Ressuscitando em seguida
Nas belezas da verdura.

Suportou lutas amargas,
Noites ásperas, sombrias,
Recebendo chuva e sol,
Tempestades, ventanias.

Adornou-se em primavera,
Risonha, sublime, eleita,
E entregou-se alegremente
Ao segador na colheita.

Padeceu processos vários,
Viveu peregrinações,
Desde a ceifa rude e longa,
Ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos,
Esse pão, quase sem nome,
É dádiva do Criador,
Que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo
De carinho e de bondade,
É o laço entre a Providência
E a nossa necessidade

O amor e a abnegação
Resumem-lhe a bela história;
O espírito de serviço
É a vida de sua glória.

Coração que sofre amando
Na fé sublime e sem jaça,
Vai ser pão na Mesa Augusta
Dos Bens da Divina Graça.

O POÇO

Casemiro de Abreu

Quem segue ao sol calcinante,
Com sede desesperada,
Rende graças ao Senhor,
Achando um poço na estrada.

O quadro agreste, por vezes,
Não tem abrigo nem fonte,
Raras árvores se alinham,
Perdendo-se no horizonte.

Em meio à desolação,
Entre o calor e a secura,
A cisterna dadivosa,
Guarda a bênção da água pura.

Há poços de toda idade,
Bem calçados, mal assentes,
Mais rasos e mais profundos,
Em dimensões diferentes.

No seu íntimo, entretanto,
Trazem todos a água amiga,
Que socorre aos que sucumbem
De desânimo e fadiga.

Quem tem sede se aproxima
Com cuidado e gratidão,
E dispensa ao poço humilde,
Sempre a máxima atenção.

Lançando o copo ansioso,
Sem notar os sacrifícios,
Evita a poeira ou o lodo,
Que anulem os benefícios.

E sorve esse orvalho santo
Que vem da terra imperfeita,
Com o júbilo generoso
De uma oração satisfeita.

*

No mundo, o mesmo acontece:
Nas agruras do caminho,
Cada qual pode apelar
Às posses do seu vizinho.

Mas, se agita a lama em torno,
Como quem fere e escabuja,
O poço apesar de bom,
Só pode dar-lhe água suja.

O POSTE

Casemiro de Abreu

No quadro que te rodeia,
Em pleno bem destacado,
Hás de ver no poste humilde
Um servidor devotado.

Encontra-se em toda parte,
Com a decisão de quem zela,
Na cidade mais formosa,
Na lavoura mais singela.

Conhece o rumo acertado
Das fábricas, das usinas,
Coopera nos resultados
Do esforço das oficinas.

Ao calor do sol a pino,
Como à frescura do orvalho,
Sempre firme no seu posto,
Exemplifica o trabalho.

Atende aos bens do serviço,
Noite toda, dia inteiro,
Ampara a luz da avenida,
Como escura um chuchuzeiro.

Se há lugarejo às escuras,
Em justa necessidade,
O poste vence as distancias,
Em busca da claridade.

Operários sem recursos,
Para o pão de cada dia?
Vai direto às quedas d'água,
À procura da energia.

Auxilia nos transportes,
Coopera nas ligações,
Segura avisos na estrada,
Fornecendo informações.

Não cobra, por seus trabalhos,
Nem ordenados, nem multa,
Na sua doce humildade
É um benfeitor que se oculta.

*

O poste compele o homem,
Sem vaidade, sem cobiça,
A fugir, em qualquer parte
Dos venenos da preguiça.

O PRATO

Casimiro Cunha

Dentre as coisas mais singelas
Do lar carinhoso e grato,
É justo reconhecer
A doce lição do prato.

Esperando calmamente
Comensais, em torno à mesa,
Exemplifica, bondoso,
A ternura e a gentileza.

Primoroso companheiro
De humilde e de atenção,
Por servir a quem tem fome
Aguarda o partir do pão.

Satisfaz a toda gente,
Sem sombras de vaidade,
Não olha conveniência,
Atende à necessidade.

Por vezes, o comensal,
A quem o vinho estimula,
Entrega-se à embriaguez,
À licença, ao crime, à gula.

Mas o prato está sereno,
Por fazer e obedecer,
Permanece em seu lugar,
Submisso ao seu dever.

Em geral, servem-se dele,
Sem qualquer preocupação;
Pouca gente lhe dedica
O amparo da gratidão.

E se o prato, certo dia,
Conhece o aniquilamento,
Não é por ele, é por nós,
No campo do esquecimento.

Neste símbolo singelo
De obediência e bondade,
Sentimos a lei que rege
O espírito da amizade.

Conserva teu amigo,
Guarda a luz que recebeste.
Não desrespeites na vida
O prato onde comeste.

O REGADOR

No trabalho generoso
Que se impõe ao lavrador,
Destaca-se a parte ativa
Que compete ao regador.

Modesto, pronto ao serviço,
Que se deve à horticultura,
Atende bondosamente
A toda sementeira.

Se tarda a chuva amorosa
Para a leiva ressequida,
Vem ele silencioso
E espalha as águas da vida.

É o sublime protetor
Dos germes por excelência,
E no esforço que desdobra
Não conhece preferência.

Não separa ao benefício
Os lírios da couve-flor,
Disposto à fraternidade,
Obedece ao Pai de Amor.

Também não pede à batata
Que amadureça num dia,
E exemplifica a esperança
Em paz e sabedoria.

Amigo da sementeira,
Espalha a bondade imensa,
Servindo sem aflições
E dando sem recompensa.

Esforça-se o ano inteiro,
Muitas vezes sem intervalo,
Por cuidar de flores ricas,
Que nunca virão cuidá-lo.

*

No campo de ajuda aos outros,
Atenta no regador,
Onde o Cristo te conduza
Prestando assistência e amor.

Não procures resultados,
Não vivas de inquietação,
Faze o bem, atenta a vida,
E espera da evolução.

O doente neste mundo,
Que deseje melhorar,
Jamais encontra remédio
Saboroso ao paladar.

Por ministrar reconforto,
Fazendo caminho à cura,
O melhor medicamento
Tem ressaibos de amargura.

Todo enfermo esclarecido,
De senso nobre e louvável,
Já sabe que seu remédio
Tem gosto desagradável.

Se a memória é renitente,
Mais áspera e mais revel,
A justa medicação
Amarga, sabendo a fel.

Por vezes, a beberagem
Não basta à restauração,
É preciso o bisturi
Na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso,
Providência compulsória,
Angústias do pensamento
Sobre a mesa operatória.

Há remédios variados:
Purgante, choque, sangria,
Compressas e pedilúvios,
Recursos de cirurgia.

Sempre o fel do sofrimento
Amigo, reparador,
Tortura que retifica
A dor que remove a dor.

Se é grande o sacrifício
No campo da cura externa,
Pondera sobre o equilíbrio
Necessário à vida eterna.

Nos dias de grandes dores,
Vive a fé, guarda-te em calma.
Grandes males no teu corpo
São remédios na tua alma.

Entre os bens da Natureza,
Tem o homem, cada dia,
No ribeiro claro e manso
Lições de sabedoria.

Ei-lo que passa sereno,
Em doce fidelidade,
Dá vida aos paióis do campo,
Conforta e limpa a cidade.

Busca as terras desprezadas
Que nunca tiveram dono,
Atende as raízes tristes,
Deixadas ao abandono.

Converte toda tarefa
Num dom gratuito e suave,
Mata a sede da serpente,
Como o faz à flor e à ave.

Cumprindo o labor de sempre,
Nunca cessa de correr,
Ensina a perseverança,
Exemplifica o dever.

Se a chuva lhe traz a enchente,
Vai além da obrigação,
Busca a terra deserdada
E lhe ensina a dar mais pão.

É tão sereno e bondoso,
Tão amigo e tão perfeito,
Que não se nega a ajudar
A mão que lhe muda o leito.

O ribeiro carinhoso
Não cessa de trabalhar,
Parece o semeador
Que saiu a semear.

E vendo que Deus é o dono
Das sementes multifárias,
Nunca volta no caminho
As contas desnecessárias.

*

Ao homem do mundo inquieto,
O ribeiro calmo ensina
Como agir e confiar
Na Providência Divina.

Quem procura no silêncio
A inspiração e a beleza,
Penetra o templo invisível
Das forças da Natureza.

Jamais sentiste o cansaço
No excesso de burburinho?
O silêncio é o companheiro
Que conhece o bom caminho.

Em seu campo generoso,
Há tréguas ao pensamento,
Recebe-se luz sublime
De verdade e entendimento.

O homem que se mergulha
Nas vozes do turbilhão,
Condena-se, muita vez,
Aos cárceres da aflição.

É preciso, quase sempre,
Procurar na soledade
A solução dos problemas
À luz da serenidade.

Se possível, vai ao plano
Das árvores carinhosas,
Onde as coisas falam sempre
Em notas harmoniosas.

Mas se não podes fugir
Às zonas de inquietação,
Procura o silêncio amigo
Na paz da meditação.

Todos temos em nós mesmos
Os vales da experiência
E as montanhas solitárias
Nos cimos da consciência.

Não te dêes todo aos rumores
Das lutas de cada hora;
Que a palavra seja em tudo
Tua serva e não senhora.

Quando achares no silêncio
Os segredos da energia,
Terás penetrado a esfera
De paz e sabedoria.

Se queres tranqüilidade,
Bem estar, humor de escol,
Não deixes de ponderar
No esforço da luz do sol.

Contra os males do caminho,
Contra a doença e a tristeza,
Convém a observação
Das forças da Natureza.

Esse sol bondoso e franco,
Que brilha através do abismo,
E bem a fonte amorosa
Do trabalho e do otimismo.

Não vacila em seus deveres,
Tudo chama ao seu calor,
Derrama por toda a parte
Os raios de vivo amor.

Há ruínas entre os homens,
Guerra e sombra entre os ateus?
Acima de tudo, entende
O bem do serviço a Deus.

Milênios sobre milênios ...
E amando os lares e os ninhos,
Vem o sol diariamente
Dar vida nova aos caminhos.

Jamais se desesperou
Ante os pântanos do caos,
Abraçando o mundo inteiro,
Ilumina bons e maus.

Aquecendo a casa nobre
Da metrópole mais bela,
Não esquece a folha tenra
Que surge pobre e singela.

Brilha em tudo para todos,
Sem privilégio a ninguém,
Encontrando o homem do mal
Só sabe fazer-lhe o bem.

*

Esse sol amigo e farto,
Que revigora e ilumina,
Retrata em toda a expressão
A Providência Divina.

Dos serviços da olaria,
Onde há lama em desconsolo,
É justo aqui salientar
As sugestões do tijolo.

Barro pobre e ignorado,
Extraído em baixo nível,
A princípio não parece
Mais que lama desprezível.

Batido, dilacerado,
Ao peso do amassador,
É pasta lodosa e humilde
Do subsolo inferior.

Após o rigor imenso
De luta grande e escabrosa,
Levado ao forno candente,
Sofre a queima dolorosa.

Apagado o fogo rude,
O tijolo pequenino,
Embora a modéstia enorme,
É retângulo divino.

Saiu da lama humilhada,
Foi pisado de aspereza,
Foi queimado, mas agora
É base de fortaleza.

Apesar da pequenez,
É a nota amiga e segura,
Que constrói bondosamente
A casa da criatura.

É a bênção, filha do pó,
Que as fornalhas não consomem,
É terra purificada,
Servindo de abrigo ao homem.

Procura, amigo, entender
Este símbolo profundo:
Não te esqueças do trabalho
Na olaria deste mundo.

*

Tão logo purificares
O barro inferior do mal,
A experiência é o tijolo
Em tua casa imortal.

O TRONCO E A FONTE

Casimiro Cunha

Um tronco frondoso e verde
Erguia-se além da fonte.
Perto, o solo pobre e seco,
Longe, as luzes do horizonte.

Certo dia, disse a fonte:
- Dá-me a sombra de teu galho,
O duro chão me consome,
Dá-me teu brando agasalho!...

Respondeu-lhe o tronco antigo:
- Vem a mim! Serei feliz!...
Serás a seiva da seiva
Que me alimenta a raiz.

Desde então, o tronco e a fonte
Uniram-se a plena luz
Da grandeza que dimana
Da bondade de Jesus.

O tronco reconheceu,
Vibrando de terno amor,
Que a fonte era a mãe bondosa
De sua seiva interior.

E a fonte viu nele o pai
De sua imensa alegria,
Repousando em sua paz
Nas lutas de cada dia.

Desde então, cantaram hinos
De hosanas ao criador,
Entre frutos dadivosos
Na estrada cheirando à flor.

À raiz, a água da vida
Levava consolação;
E o tronco elevou-se ao Céu
Com a fonte no coração.

Houve sol e sombra amiga,
Flor e frutos na ramagem;
Cantigas de passarinho,
Harmonizando a paisagem.

*

Duas almas que se irmanam
Na luz dos afetos seus,
São esse tronco e essa fonte
Guardados no amor de Deus.

O VAU

Casimiro Cunha

Por benfeitor venerável,
No seio da natureza,
Rola o rio caudaloso
Escondendo a profundidade.

Enquanto busca reserva,
Guardando seu próprio leito,
Ninguém se arrisca à passagem
Sem cuidado e sem respeito.

O rio jamais se nega
A ceder na travessia,
Mas todos se acercam dele
Com a máxima cortesia.

Socorrem-se os viajantes
Do auxílio de embarcação,
E espera-se a ponte amiga
Como justa construção.

Mas, se um dia, por descuido,
O rio apresenta o vau,
Ai dele! O destino agora
É triste, amargoso e mau.

Ninguém lhe receia as águas
Noutro tempo respeitadas;
Invadem-nas cavaleiros,
Carros, toras e boiadas.

As correntes que eram puras,
E amadas por justa fama,
Rolam sujas e insultadas
De lodo, de lixo e de lama.

A ponte dorme em projeto
E o rio, embora a beleza,
Depois que exibiu o vau,
Nunca mais teve defesa.

As nossas almas também
São como o rio profundo...
A zona de intimidade
Precisa ocultar-se ao mundo.

*

O mal quer turvar-nos sempre.
Vigia, resiste e vence-o.
Se queres respeito e paz,
Não te esqueças do silêncio.

O VENTO

Casimiro Cunha

Quando passes no meu caminho
Dando luz ao pensamento,
Não deixes de meditar
Na doce missão do vento.

Quem lhe imprimiu tanta força?
Donde vem? De que maneira?
Parece o sopro do céu
Alentando a sementeira.

Une as frondes amorosas,
Acaricia a ramagem,
É um fluido caricioso
Amenizando a paisagem.

É o mensageiro bondoso
Da alegria e da abundância,
Trocando os germes da vida,
Vencendo a noite e a distância.

De outras vezes é um amigo
Com fraternas exigências,
Que pratica nos caminhos
Profundas experiências.

Se a flor é infiel à seiva
Que lhe deu força e guarida,
O vento condu-la ao chão,
Só deixando a flor da vida.

Seu papel na natureza
Vai da vida à seleção,
Permutando os germes puros
Das sementes de eleição.

Também, na vida da Terra,
A função do sofrimento
Parece identificar-se
Com os fins da missão do vento.

Troca ele as nossas almas,
Mata as flores da ilusão,
Refunde os nossos valores
Em nova fecundação.

*

O turbilhão de amargores
É mais vida envolta em véus
Povoando a nossa estrada
Com os germens da luz dos céus.

O VÔO

Casimiro Cunha

Aos que aprendem no silêncio,
Sem sombras e sem entraves,
Há sempre grandes lições
No vôo comum das aves.

Todas elas têm nas asas
Um dom formoso e excelente,
Mas cada grupo utiliza-o
De maneira diferente.

Recordemos que a avestruz,
Exemplo que mais destoa,
É a maior das grandes aves,
Muito bela, mas não voa.

As galinhas igualmente,
Queridas e admiradas,
Se voam alguns segundos,
Caem trêmulas, cansadas.

Os patos, perus e gansos,
De grande conformação,
Toleram somente os vôos
Que as arrastem junto ao chão.

Os corvos pairam no alto,
Mas o abutre da preguiça
Aproveita a elevação
Para a busca de carniça.

As andorinhas, porém,
Librando no azul da esfera,
Esquecem o inverno e a lama,
Procurando a primavera.

OS ANIMAIS

Casimiro Cunha

Na casa da Natureza,
O Pai espalhou com arte
As bênçãos de luz da vida,
Que brilham em toda a parte.

Essas bênçãos generosas,
Tão ricas, tão naturais,
São notas de amor divino
Na esfera dos animais.

Não te esqueças: no caminho,
Praticando o bem que adores,
Busca ver em todos eles
Os nossos irmãos menores.

A Providência dos Céus
Jamais esquece a ninguém;
Deus que é Pai dos homens sábios,
É Pai do animal também.

A única diferença,
Em nossa situação,
É que o animal não chegou
Às vitórias da Razão.

Entretanto, observamos
Em toda a sua existência
Os princípios sacrossantos
De amor e de inteligência.

Vejamos a abelha amiga
No grande armazém do mel,
A galinha afetuosa,
O esforço do cão fiel.

O boi tão útil a todos,
É bondade e temperança;
O luar de força hercúlea
Obedece a uma criança.

Ampara-os, sempre que possas,
Nas horas de tua lida.
O animal de tua casa
Tem laços com tua vida.

*

A lei é conjunto eterno
De deveres fraternais:
Os anjos cuidam dos homens,
Os homens dos animais.

OS CAMINHOS

Casemiro Cunha

O caminho mais humilde,
Seja na vila ou na serra,
E' convite carinhoso
Que o Pai traçou sobre a Terra.

Qualquer estrada do mundo
E' sugestão de bondade,
Por trazer às criaturas
Os bens da fraternidade.

E' a chave silenciosa
Das mais belas ligações,
Que aproxima os interesses
No elo dos corações.

A avenida na cidade,
Em luz quente, clara e viva,
E' chamamento mais forte
Para a união coletiva.

Se o caminho é do trabalho
No labor do ganha-pão,
E' trilho amado e bendito
De muita satisfação.

Se é traço rude e singelo,
Aberto no campo em flor,
Abre acesso à Natureza –
A eterna mestra do amor.

Há caminhos para o templo,
Para o lar, para a oficina,
Todos eles são recursos
Da Providência Divina.

A excelsa sabedoria
Jamais esqueceu ninguém,
Dispondo todas as sendas
Para a luz e para o bem.

Somente o homem da Terra,
Na ambição negra e fatal,
Abusa dos dons do Céu,
Caminhando para o mal.

*

Ditoso quem reconheça
Em toda estrada uma luz,
Quem conduz à claridade
Do Caminho, que é Jesus.